

**O Magnificat de Maria
é inteiramente tecido
pelas palavras da Sagrada Escritura,
Palavra de Deus.**

**Desta maneira se manifesta
que Ela Se sente verdadeiramente
em casa na Palavra de Deus,
dela sai e a ela volta com naturalidade.
Fala e pensa com a Palavra de Deus;**

**Além disso, revela-se desta maneira
que os seus pensamentos
estão em sintonia com os de Deus,
que sua vontade consiste em querer o que Deus quer.**

**Vivendo intimamente permeada
pela Palavra de Deus,
ela pôde tornar-se
Mãe da Palavra encarnada.**

Bento XVI, Deus Caritas est, 41



**Ano Santo
da Misericórdia**

Sumário de novembro-dezembro de 2015

Sumário

362 Editorial
Um ano Santo da Misericórdia

Vida espiritual

365 Carta de 27 de novembro de 2015
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral

369 Advento 2015: um caminho que nos tornará mediadores eficazes das promessas de Deus.
Padre Gregory Gay, Superior geral

378 Os votos das Filhas da Caridade
Padre Gregory Gay, Superior geral

- 382 Meu Deus, como sois grande!
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral

Atualidades das Províncias

Nomeações

- 393 Designação das Visitadoras e nomeações dos Diretores provinciais

Sessão Internacional de Irmãs entre 7 e 10 anos de vocação

- 395 INTERGERAÇÃO E VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE

I - Geração e intergeração, uma realidade que nos constitui como seres humanos

Irmã Elise Bortheirie, Filha da Caridade

- 407 II - Fundamentos da vida relacional em Comunidade

Irmã Elise Bortheirie, Filha da Caridade

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

- 417 Índice geral das matérias de 2015

INTRODUÇÃO

Um Ano Santo da Misericórdia

Por ocasião dos 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano II, o Papa Francisco deseja com o Ano da Misericórdia prolongar o espírito do Concílio. Ele nos convida a contemplar a misericórdia como fonte de fé, de serenidade e de paz para continuar a atualização do Concílio nas situações do nosso mundo de hoje que, muitas vezes, obscurece o rosto misericordioso do Pai. Um mundo privado da compaixão e da misericórdia divina é um mundo frio. Logo, a Igreja é chamada a mostrar mais intensamente ao mundo de hoje, o rosto misericordioso do Pai.

Se Jesus nos fez uma promessa: *“Bem-aventurados os misericordiosos”*, ele também nos convida a enfrentar o desafio: *“Sede misericordioso como o vosso Pai celeste é misericordioso”*. São Paulo não hesitará em lembrar aos Colossenses: *“Vos sois amados por Deus, sois os seus santos eleitos. Por isso, revesti-vos de sincera misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente, se um tiver queixa contra o outro. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai vós também” (Col 3, 12-13).*

A Misericórdia Divina é a noção fundamental do Evangelho, ela é a chave da vida cristã, da qual a Virgem Maria é o reflexo mais puro e mais brilhante em nossa humanidade; reflexo da inesgotável ternura de Deus, que no-la deu por Mãe para nos lembrar que Ele nunca perde a esperança em nós. Seu amor é mais forte do que nosso pecado, seu amor nos acompanha e nos espera. Deixemo-nos vencer pela Misericórdia de Deus, da qual Maria é a ressonância perfeita. O Senhor, neste ano, vem fazer novas, todas as coisas em nós. Santa Luísa e São Vicente nos mostram o quanto a Misericórdia foi necessária à vida da Companhia e que ela era um mandamento muito exigente.

O Santo Padre nos convida a viver um Ano de Misericórdia para “mudar de vida”, ele nos apela também a *“tornarmo-nos compassivos para com todos”*. Empenhem-nos ativamente neste caminho de conversão pessoal e comunitário. Abramos ao Senhor as portas do nosso coração a fim de que Ele faça jorrar rios de misericórdia e para que nossas Comunidades sejam cada vez mais, um lugar realmente privilegiado da prática da misericórdia e poder assim, dar um verdadeiro testemunho dela junto aos feridos da vida. As-

sim acontece também quanto à credibilidade da Companhia. “*Este Ano Santo é um momento extraordinário de graça. Entrar por esta porta significa descobrir a infinita misericórdia do Pai que nos acolhe a todos e vai pessoalmente ao encontro de cada pessoa*”.

Façamos nossa, a oração de Santa Faustina; com ela, peçamos a Deus a graça para que o Ano de 2016 seja realmente um bom e santo Ano da Misericórdia.

AJUDAI-ME SENHOR, A SER MISERICORDIOSA

Desejo me transformar toda em Vossa misericórdia, **para tornar-me o Vosso reflexo vivo**, ó meu Senhor! Que a Vossa misericórdia, que é insondável e de todos os atributos de Deus o mais sublime, se derrame do meu coração e da minha alma sobre o próximo.

Ajudai-me, Senhor, **para que os meus olhos sejam misericordiosos**, de modo que eu jamais suspeite nem julgue as pessoas pela aparência externa, mas perceba a beleza interior dos outros e possa ajudá-los.

Ajudai-me, Senhor, **para que os meus ouvidos sejam misericordiosos**, de modo que eu esteja atenta às necessidades dos meus irmãos e não me permitais permanecer indiferente diante de suas dores e lágrimas.

Ajudai-me, Senhor, **para que a minha língua seja misericordiosa**, de modo que eu nunca fale mal dos meus irmãos; que eu tenha para cada um deles uma palavra de conforto e de perdão.

Ajudai-me, Senhor, **para que as minhas mãos sejam misericordiosas** e transbordantes de boas obras, nem se cansem jamais de fazer o bem aos outros, enquanto aceite para mim as tarefas mais difíceis e penosas.

Ajudai-me, Senhor, **para que sejam misericordiosos também os meus pés**, para que levem sem descanso ajuda aos meus irmãos, vencendo a fadiga e o cansaço; o meu repouso esteja no serviço do próximo.

Ajudai-me, Senhor, **para que o meu coração seja misericordioso** e se torne sensível a todos os sofrimentos do próximo.

Que ninguém receba uma recusa do meu coração.

Que eu conviva sinceramente mesmo com aqueles que abusam da minha bondade. Quanto a mim, me encerro no Coração Misericordiosíssimo de Jesus, silenciando aos outros o meu próprio sofrimento.

Ó meu Jesus, transformai-me em Vós, porque Vós tudo podeis.

Jesus, ó meu Deus escondido neste grande e Divino Sacramento, ficai comigo em todo momento e meu coração ficará tranquilo. Assim seja.

IRMÃ K. APPLER, SUPERIORA GERAL

Carta de 27 de novembro de 2015

Queridas Irmãs,

**... Deus em TUDO... TUDO em Deus...
TUDO por Deus...¹**

É com alegria que lhes desejo uma FELIZ FESTA do nosso tríduo de celebrações que começa hoje com a festa de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Que este dia abençoado, tão precioso para a pequena Companhia, assim como a festa de Santa Catarina Labouré amanhã e o aniversário da fundação da Compa-

nhia no domingo sejam fontes de numerosas e especiais graças para cada uma. Comecei esta carta com uma frase simples, mas profunda, que o Padre René Laurentin utilizou para descrever a consciência que Santa Catarina tinha da presença de Deus em todos os aspectos de sua vida. Esta ideia ofereceu-me um quadro para partilhar diferentes experiências que refletem esta mesma certeza da presença de Deus em nós e ao nosso redor. Espero que ao lerem estas linhas, vocês possam também descobrir Deus em todas as coisas.

Antes de tudo, tenho a alegria de dar-lhes algumas informações referentes a dois felizes acontecimentos ocorridos na Companhia. Após muita reflexão, oração e discernimento, no dia 7 de novembro de 2015, as Províncias da Bélgica, França-Norte, França-Sul e da Suíça-Turquia foram unificadas para tornar-se a nova Província Bélgica-França-Suíça. Mais de 300 Irmãs se reuniram e celebraram esta unificação no decorrer da Eucaristia, de apresentações criativas das comunidades locais e de uma refeição e lanche partilhados. Esta foi uma experiência verdadeiramente festiva.

Domingo próximo, 29 de novembro, mais uma vez, após muita reflexão, oração e discernimento, as Províncias da África do Norte e Espanha-Sur se unirão para formar uma única Província, a Província Espanha-Sur. Após ter tomado conhecimento do programa organizado em vista desta celebração, tenho certeza de que nosso espírito de comunhão se manifestará e será igualmente apreciado, quando nos encontrarmos para esta ocasião em Sevilha, na Espanha.

Peço-lhes que estejamos unidas numa oração de ação de graças por tudo o que foi vivenciado em cada uma destas duas Províncias e por tudo o que ainda será vivido no futuro. Realmente, *Deus está presente em tudo* e coisas maravilhosas acontecem na Família de São Vicente e de Santa Luísa! Imaginem a felicidade que estes acontecimentos importantes proporcionam aos nossos Santos Fundadores. O que eles começaram discretamente há 382 anos continua a suscitar vida nova e respostas do coração às necessidades dos pobres!

Ao mesmo tempo, porém, com sentimentos bem diferentes, estou convencida de que todas estão unidas a mim em oração por aqueles que sofrem devido às tragédias humanas e catástrofes naturais que acontecem atualmente em nosso mundo. Com certeza, a Caridade de Cristo nos impele e suscita nossa empatia. Gostaria de mencionar em particular a angústia das vítimas dos ataques terroristas, da perseguição religiosa e dos conflitos raciais que sobrevêm em cada um dos nossos continentes; isto toca nossos corações. Queremos unir-nos às vítimas, para reconfortá-las, assim como aos membros das famílias e amigos que perderam seus entes queridos durante estas horríveis provações. Os pedidos de ajuda, urgentes, que nos chegam da parte daqueles que são atingidos pela crise migratória sem precedente, nos obrigam a buscar os melhores meios possíveis que as Províncias e toda a Companhia possam encontrar para responder às necessidades daqueles que perderam seus meios de subsistência, suas casas, suas famílias, sua pátria... Sou profundamente agradecida por suas contínuas respostas a estas situações dolorosas e, de maneira especial, agradeço-lhes pela oferta de suas orações e de sua solidariedade para com o povo francês que sofre devido ao terrorismo. Encorajo as Visitadoras com seus Conselhos Provinciais a continuar com as Irmãs de suas Províncias a explorar meios concretos para enfrentar estas situações de sofrimento. Nós estamos prontas, em nível geral, para ajudá-las na medida do possível... *Tudo em Deus... Tudo por Deus...*

Estas reflexões fazem eco à radicalidade dos desafios resultantes da Assembleia Geral 2015. Agora, que a maioria de vocês já recebeu o Documento Interassembleias 2015-2021: *A audácia da Caridade para um novo elã missionário*, peço-lhes que o utilize como um instrumento que as oriente e que ao mesmo tempo usem renovar os seus corações e colocar em prática respostas criativas e audaciosas ao grito daqueles que são os mais pobres. Nós, enquanto Conselho Geral, estamos ansiosas para receber seus projetos provinciais que vão refletir a maneira como estão prevendo traduzir este documento em ações concretas! ... *Deus em tudo*.

Finalmente, em união com a Igreja, entraremos no Ano jubilar da Misericórdia na festa da Imaculada Conceição. O Papa Francisco nos disse que “*O Ano Santo deverá manter vivo o desejo de saber acolher os numerosos sinais de ternura que Deus oferece ao mundo inteiro*”². Nosso Santo Padre continuou dizendo que ele tem a intenção de que seja um tempo “*em que sejamos tocados pelo Senhor Jesus e transformados pela sua misericórdia para nos tornarmos, também nós, testemunhas de misericórdia...porque este é o tempo da misericórdia. É o tempo favorável para cuidar das feridas, para não nos cansarmos de ir ao encontro de quantos estão à espera de ver e tocar sensivelmente os sinais da proximidade de Deus, para oferecer a todos, o caminho de perdão e de reconciliação*”³.

Cada uma de nós tem a possibilidade de se beneficiar enormemente das graças deste Ano jubilar passando pela “Porta da Misericórdia” e de estar mais consciente do amor de Deus e do seu perdão que não tem fronteiras, nem limites. Abramos nossos corações à realidade de Sua misericórdia. Esforcemo-nos para ser instrumentos desta misericórdia - este “*coração pulsante do Evangelho*”⁴, nos encontros diários, especialmente com aqueles que são os mais pobres, os mais isolados, os mais vulneráveis.

Deus em TUDO, TUDO em Deus, TUDO por Deus. Que a espiritualidade de Santa Catarina, simples, mas profunda, possa influenciar cada uma de nós em nosso discernimento sobre a maneira como Cristo nos convida a nos centrarmos nele. Que Maria Imaculada, que nos conduz sempre ao seu Filho, guie nossos passos. Que nossos Santos Fundadores nos inspirem a nos doarmos totalmente a Deus, sem reserva. *Que cada uma de nós se comprometa a apresentar-se aos pés do altar e lá oferecer sem cessar os clamores do mundo!*

Com afeição e minhas orações,

Irmã Kathleen Appler
Filha da Caridade

Notas:

¹ R. Laurentin, *Vida de Catarina Labouré* (Desclée de Brouwer, Paris, 1980), p. 253

² Papa Francisco, celebração das primeiras Vésperas do Domingo da Divina Misericórdia - Homilia, 11 de abril de 2015.

³ Ibid.

⁴ Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, n. 12

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

ADVENTO 2015

Um caminho que nos tornará mediadores eficazes das promessas de Deus

Caros irmãos e irmãs, membros da Família Vicentina,

AS PROMESSAS DE DEUS

“*Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo*” (Levítico 26, 12).

“*Jamais meu amor te abandonará*” (Isaías 54, 10).

“*Livrava o pobre que pedia socorro e o órfão que não tinha apoio*” (Jó 29, 12).

“*Eis que faço nova todas as coisas ... não as vedes?*” (Isaías 43, 19).

“*Todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá*” (João 11, 26).

“*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele*” (João 6, 56).

“*Não vos deixarei órfãos. Voltarei a vós*” (João 14, 18).

“*Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*” (Mateus 28, 20).

Estes textos bíblicos encarnam e expressam a relação de aliança que Deus estabeleceu com a humanidade. É necessário uma forma de presença para que todas essas promessas que citei acima possam ser realizadas. Permitam-me apresentar-lhes alguns exemplos para explicar o que quero dizer.

Quando o povo clamava contra seus opressores que o tornaram escravo no Egito [Deus estava presente, escutando o seu clamor], Deus chama Moisés: *Vai, eu te envio ao Faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo*” (Êxodo 3, 10), [Deus estava presente e encontrou uma solução para a situação do seu povo].

Após uma árdua disputa, o Faraó ficou mais brando e o povo atravessou o Mar Vermelho para começar uma longa travessia no deserto [Deus estava presente e salvou o seu povo]. Quando o povo teve fome,

Deus lhe deu o maná; quando teve sede, fez jorrar água do rochedo [Deus estava presente, acompanhando o povo nos momentos difíceis]. De fato, Deus estava presente em meio às lutas do povo através da liderança de Moisés.

Séculos mais tarde, quando uma multidão se reuniu em um outro lugar deserto para escutar os ensinamentos do Mestre, ela foi testemunha da multiplicação dos pães e dos peixes e sua fome foi saciada [Deus estava presente, mas, desta vez fisicamente, na pessoa de Jesus, como mestre, médico e consolador]. No entanto, o Mestre desejava saciar não somente a fome física, mas também a fome espiritual. *Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede* (Jo 6, 35).

As palavras da Carta aos Hebreus resumem o que estou tentando dizer: *Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho* (Hebreus 1, 1-2).

Qual é a relação de tudo isto com a liturgia do Advento? Como Vicentinos, somos chamados a continuar a missão de Jesus Cristo proclamando a Boa-Nova às pessoas marginalizadas que vivem na periferia da sociedade: *Sim, Nosso Senhor pede-nos para que evangelizemos os pobres: foi isto o que Ele fez e, é isto que deseja continuar fazendo através de nós* (Coste XII, 79)¹. Ao nos comprometermos com o processo de evangelização, preparamos o caminho do Senhor e ao mesmo tempo nos tornamos mediadores que realizam as promessas de Deus. Através dos nossos distintos ministérios/serviços, unimo-nos ao desejo de João Batista: *importa que Ele cresça e que eu diminua* (Jo 3, 30).

UMA EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA

Permitam-me partilhar uma de minhas experiências missionárias para ilustrar este ponto. Durante minha visita à Província de Madagascar em 2011, no momento da celebração do seu centenário, o nosso coirmão, Padre Anton Kerin, compartilhou comigo algumas de suas experiências ministeriais em uma região muito distante nesse país. Contou-me a alegria que sentiu ao ver a maneira como a Boa-Nova de Jesus se enraizava na população. Ele falou também das dificuldades de dar testemunho junto a uma população que jamais tinha ouvido falar do nome de Jesus. Eu desejei conhecer esta missão e prometi ao Padre Anton que na próxima viagem iria visitá-la. Mas, foi somente em abril de 2015 que consegui cumprir a minha promessa; durante dois dias viajei por estradas terríveis, que jamais vi nestes meus onze anos como Superior geral. Evidentemente, por meus próprios meios, não poderia percorrer tamanha distância, pois não conhecia estas estradas. Isto significa que outras pessoas tiveram que me acompanhar.

Naquele momento o Visitador, assim como um leigo e o Padre Anton (que dirigiu durante as nove últimas horas, a parte mais difícil da viagem) tornaram-se meus companheiros de viagem. Quando finalmente chegamos ao destino, o Padre Anton nos conduziu à Capela onde fomos acolhidos pelos membros do governo local e autoridades religiosas. No dia seguinte, tive o privilégio de celebrar a Eucaristia com a população desta comunidade; era o domingo das vocações e fiz minha homilia em inglês, que foi em seguida traduzida em malgaxe. Também pude visitar e celebrar a Eucaristia em uma das novas missões que foi estabelecida há aproximadamente quatro anos e que agora está florescendo. Sim, eu cumpri a minha promessa com o Padre Anton, mas ao mesmo tempo, descobri que tanto ele como aqueles que com ele trabalham são mediadores que realizam as promessas que Deus e nossos Fundadores fizeram ao povo de Madagascar.

Neste tempo do Advento, lembramos que Deus foi fiel às promessas feitas aos nossos pais e que nos foram transmitidas enquanto povo de Deus vivo no meio do mundo em 2015. Ao refletir sobre estas promessas, percebemos também que nossa colaboração é necessária para que elas se tornem realidades. Logo, gostaria de refletir sobre minha experiência missionária em Madagascar e, espero assim, apresentar um caminho que nos torne mediadores eficazes das promessas de Deus.

COLABORAÇÃO

Em primeiro lugar, sozinho e por mim mesmo, não seria capaz de realizar o que tinha prometido fazer. Então, para cumprir a minha promessa, precisei da ajuda e da colaboração de muitas pessoas, especialmente dos guias e motoristas que estavam acostumados com as estradas e conheciam nosso itinerário.

Nossos Fundadores prometeram aos *nossos senhores e mestres* que proclamariamos a Boa-Nova de Jesus Cristo - e nenhum de nós pode cumprir esta promessa sozinho. Desde o início, Vicente compreendeu que para ser eficaz, ele tinha que convidar outras pessoas para o seu ministério. Assim, *após ter comprovado, durante muito tempo, a virtude e aptidão de Francisco du Coudray... Antônio Portail... e João de la Salle*, Vicente os convidou a unir-se a ele para pregar as missões populares (Coste XIII, 204). Pouco tempo depois, os missionários perceberam que eles também precisavam de colaboradores porque estava claro que “os pobres, algumas vezes, sofrem mais pela falta de organização para socorrê-los, do que por falta de pessoas caridosas” (cf. Coste XIII, 423), e foi assim que as confrarias da caridade nasceram.

Mais tarde, ao longo do século XIX, quando Frederico Ozanam fundou a Sociedade de São Vicente de Paulo, ele pediu a uma Filha da Caridade para formar e acompanhar os membros deste novo grupo de estudantes universitários: *...Irmã Rosalie [Rendu] ... deu-lhes conselhos úteis, elaborou para eles uma lista de famílias pobres para visitar e, entregou-lhes ‘Vales’ de pão e de carne até o momento em que a Conferência, que fora fundada recentemente, pudesse emitir os seus próprios vales”*². Catarina Labouré, durante este mesmo período, pedia ao Padre Jean-Marie Aladel para colaborar com o estabelecimento de um grupo de jovens rapazes e moças, conhecidos atualmente como a Associação da Juventude Mariana Vicentina.

A colaboração é fundamental para o nosso ser enquanto Vicentinos. Ninguém pode proclamar sozinho, de maneira eficaz, a Boa-Nova; ninguém pode estabelecer sozinho, estruturas que unam o mundo numa rede de caridade; ninguém e nenhum ramo da Família Vicentina pode conhecer o único caminho, ou o caminho privilegiado, que permite aos seus membros seguir Jesus Cristo, evangelizador e servidor dos pobres. Mas quando partilhamos nossos dons e talentos, quando nos unimos num projeto comum, quando o “nós” e o “nosso” se torna mais importante que o “eu” e o “meu”, então nós, juntos em Cristo e como Vicentinos, podemos fazer a diferença; todos juntos em Cristo e como Vicentinos, tornamos possível hoje a realização das promessas de ontem.

SENTIR-SE INCOMODADOS E ASSUMIR RISCOS

Em segundo lugar, para manter minha promessa ao Padre Anton Kerin, tive que viajar por estradas difíceis, arriscadas e que não me deixaram à vontade. A mesma reflexão pode ser aplicada a nós como Família Vicentina, se quisermos permanecer fiéis à nossa promessa de ser servidores das pessoas esquecidas, abandonadas, desprezadas, servidores dos nossos irmãos e irmãs que vivem na pobreza e na miséria. Se formos honestos, acredito que a maioria dentre nós poderia admitir que não está muito à vontade com a realidade de colaboração. Uma abordagem de colaboração no ministério/serviço é muito mais exigente do que uma abordagem individual - e por ser mais exigente, não nos sentimos naturalmente à vontade e, até mesmo seremos tentados a evitar uma tal abordagem.

Dediquemos alguns instantes para examinar algumas dessas exigências que poderíamos considerar ameaçadoras: o ministério/serviço em colaboração implica uma vontade de ceder o controle e o poder, uma vontade de se aliar aos outros como parceiros iguais no processo de decisão, uma vontade de convidar os pobres para sentar conosco ao redor da mesa onde eles tomem as decisões (decisões que lhes dizem respeito e às suas famílias).

Este estilo de ministério/serviço exige um diálogo aberto e honesto assim como uma vontade de chegar a um compromisso - uma palavra que nestes últimos anos tomou um sentido negativo, tal como fraqueza, abandono dos ideais e dos princípios morais. Tudo isto pode nos inquietar porque existe um risco, que se encontra no centro da nossa realidade atual e que nos convida, vocês e eu, a mudança (e nos sentimos sempre incomodados e angustiados quando temos que enfrentar uma mudança). Vocês e eu somos convidados a mudar nossa maneira de interagir uns com os outros, a mudar nossa maneira de realizar nosso ministério/serviço, a mudar nossa maneira de expressar nossa solidariedade às pessoas mais vulneráveis da sociedade.

O grau no qual estamos dispostos a nos comprometer no processo de conversão determinará em que proporção nós, unidos ao Cristo e como Vicentinos, faremos a diferença hoje e amanhã - e determinará a maneira como as promessas de ontem se tornarão uma realidade hoje.

ELEMENTOS QUE CARACTERIZARÃO NOSSA COLABORAÇÃO

Alguns elementos deveriam caracterizar todos os nossos esforços em conjunto para fazer a diferença no mundo atual e para levar ao cumprimento das promessas de ontem. Eu sei que se estabelecêssemos uma lista dos elementos necessários, incluiríamos a oração (sob todas as suas formas), a prática das virtudes, a leitura das Escrituras e a reflexão, a escuta ativa - vocês conhecem a lista dos elementos. Aqui, no entanto, gostaria de referir-me a outros elementos que nem sempre encontram um lugar em nossas listas, mas que acredito serem necessários, se quisermos ser mediadores eficazes e convincentes das promessas de Deus. Minha lista, além dos elementos mencionados acima, incluiria também:

A curiosidade

Unindo-nos em um ministério/serviço com os outros ramos e membros da Família Vicentina, necessariamente nós nos engajamos numa constante busca da ordem em meio ao caos, a encontrar um sentido em meio à agitação e ao sofrimento. Esta busca nos leva a fazer a seguinte pergunta: “por quê?” e dando continuidade a nossa busca, descobrimos uma outra questão, um outro “por quê?”, e logo depois uma outra pergunta e um outro “por quê?”. Esta curiosidade, no entanto, deveria nos dar a coragem para percorrer caminhos novos, mesmo se isto signifique que seremos feridos, destruídos, caluniados, porque escolhemos seguir por caminhos ainda em construção (cf. *Evangelii Gaudium*, 49).

A análise crítica

A curiosidade e a análise crítica caminham de mãos dadas. A curiosidade pergunta: “será isto verdade?”, enquanto que a análise crítica nos torna capazes de olhar além das declarações, tais como: “Esta é a maneira como sempre fizemos as coisas! Sempre agimos desta maneira!” Este elemento de análise crítica é especialmente importante, pois somos chamados a participar do processo da Nova Evangelização, um processo novo em seu ardor, em seu método e em sua expressão.

A imaginação criativa

O amor é inventivo até o infinito (Coste XI, 146). *Sua Companhia* [seu grupo ou seu ramo da Família Vicentina] *não era nessa altura o que é atualmente e é de crer que não é ainda o que virá a ser, quando Deus a tiver posto no ponto em que a quer* (Conf. de 13/02/1646, pág.165). A curiosidade leva às formas de imaginação criativa, que por sua vez nos sustentam em nossos esforços, para proclamar a Boa-Nova enquanto realidade atual que é ao mesmo tempo “boa” e “nova” para os pobres.

Os vasos de argila

É a consciência que nos torna capazes de manter nossa perspectiva e de nos ver tais como somos: *Sois pó, e em pó vos haveis de converter* (Liturgia de Quarta-feira de Cinzas). *Eu vos louvo e vos dou graças, ó Senhor, porque de modo admirável me formastes! Que prodígio e maravilha as vossas obras!* (Salmo 139, 14). Escutemos Vicente falar de si mesmo: *sou filho de um lavrador, guardei porcos e vacas e acrescentai que isto não é nada ao preço da minha ignorância e de minha malícia* (Coste IV, 215); *tão miserável que sou, prego aos outros, e estou cheio de pensamentos malditos* (Conf. de 24 de agosto de 1654, pág. 473); *Ó Salvador, perdoai a este miserável pecador que desperdiça todos os vossos desígnios, que se opõe a eles e contradiz a tudo* (Coste XI, 271); *Senhor, faço o propósito de me manter firme no bem, porque isto Vos será agradável* (Conf. de 23/07/1656, pág. 590). Cada um de nós possui dons, talentos e forças, cada um de nós tem seus limites, seus defeitos e suas fraquezas. Somos ao mesmo tempo grandes e pequenos!

A capacidade de sonhar com um mundo melhor

Como membros de uma grande família, temos sonhos e visões de um novo dia: *...vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram...Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição* (Apocalipse 21, 1, 4); *mas, antes, que jorre a equidade como uma fonte e a justiça como torrente que não seca* (Amós 5, 24).

Como trabalhamos numa pequena parte do mundo, podemos ser tentados a pensar que nosso ministério/serviço é insignificante no contexto global da realidade. Mas, isto não é verdade. Deveríamos imaginar que todos nós fazemos parte de um imenso quebra-cabeça, composto por centenas de peças. Ainda que sejamos uma única peça, esta peça é, contudo, essencial e tem muito valor; esta peça, nossa peça do quebra-cabeça, com todas as outras peças, contribui efetivamente na mudança do mundo - juntos fazemos a diferença.

CONCLUSÃO

Vivemos num mundo onde alguns fazem todo tipo de promessas diariamente, e se esquecem que tais promessas foram feitas. No entanto, as pessoas esperam que ajamos de maneira diferente; esperam que sejamos corajosos e que cumpramos nossas promessas, as de Deus e as dos nossos Fundadores.

No século XIX o povo francês estava desanimado e desencantado. Muitas promessas tinham sido feitas, mas a maioria continuava a viver na pobreza. Frederico Ozanam compreendeu a situação e desafiou os membros da Sociedade de São Vicente de Paulo através de palavras que continuam a nos desafiar no século XXI. Gostaria de concluir esta reflexão com algumas palavras de Frederico: *A terra está fria, somos nós, católicos [enquanto Vicentinos], que temos que reavivar o calor vital que se extingue, somos nós que temos que recomençar a grande obra de regeneração, nem que para isto seja necessário recomençar a era dos mártires³...Ficaremos nós indiferentes no meio de um mundo que sofre e que geme?... Não faremos nada para nos parecermos com esses santos que amamos? ... Não sabemos amar a Deus... porque parece que é preciso ver para amar, e não vemos a Deus senão pelos olhos da fé e a nossa fé é tão fraca! Mas os pobres, a esses, nós os vemos com os olhos da carne! Estão ali e podemos pôr a mão nas suas feridas e as marcas da coroa de espinhos estão visíveis na sua frente; aqui a incredulidade não tem lugar e deveríamos cair a seus pés e dizer-lhes como o Apóstolo: “‘Tu es Dominus et Deus meus’ (Meu Senhor e meu Deus). Vós sois os nossos mestres e nós seremos os vossos servos; vós sois para nós a imagem sagrada desse Deus que não vemos e, não sabendo amar de outra maneira, nós o amaremos nas vossas pessoas...”⁴*

Que Deus nos abençoe neste tempo em que celebramos o Advento; neste tempo que Deus realiza as promessas que foram feitas aos nossos pais e que são renovadas hoje: um tempo onde Deus cumpre suas promessas apelando para nós como humildes instrumentos e ministros zelosos.

Seu Irmão em São Vicente,

Padre Gregory GAY, cm.
Superior geral

Notas

¹ *São Vicente de Paulo, Correspondências, conferências, documentos*. Edição de Pierre Coste, Paris, 1920-1925, 14 volumes.

² Baunard, *Frederico Ozanam, Segunda sua correspondência*, J. de Gigord, Paris, 1913, pág. 98.

³ *Cartas de Frederico Ozanam, Cartas da juventude (1819-1840)*, Ed. Bloud & Gay. (Carta à Léonce Curnier, 23 de fevereiro de 1835).

⁴ *Ibid.*, (Carta a Louis Janmot, 13 de novembro de 1836).

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

Os votos das Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

Gostaria de expressar-lhes toda a minha gratidão pelo seu testemunho de Filhas da Caridade a serviço de Cristo nos pobres; vocês “despertam o mundo” para as necessidades de todos os que estão na pobreza. Esta longa tradição de caridade que logo contará quatro séculos, é transmitida através de sua vida de serviço humilde e simples. A Assembleia geral deste ano também é um tempo de graça que as compromete a abraçar ainda mais a audácia da caridade para um novo elã missionário.

Minha reflexão está voltada para dois temas diferentes, mas essenciais. Este “Ano da Vida Consagrada”, proclamado pelo Papa Francisco, nos apresenta o desafio de “Despertar o mundo”. O tema da sua Assembleia geral nos chama para abraçar o “patrimônio da esperança”, isto é, nosso carisma vicentino com *audácia e caridade* e como *missionárias*.

Penso que, o que une estes dois temas com suas interpelações são os votos de pobreza, castidade, obediência e de serviço dos pobres; quatro votos que devem ser vividos diariamente. Eles estruturam sua vida e seu serviço, eles lhes possibilitam permanecer atentas ao mundo com audácia, caridade e um espírito missionário. Gostaria de partilhar minha reflexão sobre estes votos tais como testemunhei sendo vividos, numa recente visita às Filhas da Caridade da Província da África do Norte.

O VOTO DE OBEDIÊNCIA

As Filhas da Caridade da Província da África do Norte representam uma minoria em um desses países de maioria muçulmana tal como a Mauritânia e a Tunísia. Não lhes é permitido estabelecer obras em nome das Filhas da Caridade, nem em nome da Igreja. Para servir os pobres elas devem colaborar com diversas associações leigas. Como voluntárias, elas renunciam a todo tipo de responsabilidade na administração das obras. Para servir os pobres, elas devem se submeter deliberadamente às ordens das pessoas que assumem os cargos.

Qual é o vínculo com o voto de obediência? Sabemos que Jesus se despojou de si mesmo tornando-se um homem obediente até a morte (cf. Fl 2, 8). Estas Filhas da Caridade seguem seu exemplo: elas praticam a obediência aceitando humildemente que outros lhes digam como, quando e onde servir os pobres.

A oração, a reflexão e uma consciência interior do voto de obediência são necessárias para bem vivê-lo; não se trata de um simples consentimento passivo à autoridade, isto exige entregar-se a uma dimensão mais profunda, ou seja, à obediência a Jesus Cristo, cuja vida e ministério foram um modelo de humildade e de submissão à vontade do Pai.

O VOTO DE POBREZA

No que se refere ao voto de pobreza, fiquei muito impressionado pelo estilo de vida simples destas Irmãs. Constatei que elas não tinham dificuldades para entrar em relação com as pessoas de condições modestas. Na minha opinião, isto só é possível porque as Irmãs vivem na simplicidade.

Isto se aplica a todas as Filhas da Caridade através do mundo. Um estilo de vida simples as ajuda a identificar-se mais espontaneamente com as pessoas a quem são chamadas a servir.

Os pobres estão entre nós, muitas vezes, em desvantagem, em razão de uma falta de competência ou de capacidades visíveis. As Irmãs que os servem podem facilmente se identificar com eles, não somente em razão do seu voto de pobreza, mas também praticando as virtudes de humildade e de simplicidade tão fundamentais ao ser de Filha da Caridade.

É o dom que os pobres nos fazem. O voto de pobreza ajuda-nos a identificar-nos de maneira mais espontânea com as pessoas pobres.

O VOTO DE CASTIDADE

Minha reflexão sobre o voto de castidade vem também da profunda experiência que tive na Mauritânia. Encontrei muitas pessoas servidas pelas Filhas da Caridade em associações caritativas. Pude visitar um setor onde as Filhas da Caridade ajudam mulheres divorciadas ou abandonadas por seus maridos, que se encontram com seus filhos no meio da rua, sem abrigo. Esta associação propõe a estas mulheres a possibilidade de adquirir competências e encontrar sua dignidade para desenvolver-se e cuidar dos seus filhos, sem permanecer dependentes dos outros.

Graças a um intérprete, eu consegui conversar com muitas destas mulheres que disseram ter “aprendido algo com as mulheres cristãs, as Filhas da Caridade, que até então, não tinham aprendido com

ninguém de sua religião”. Curioso, perguntei-lhes: ‘o que foi que vocês descobriram nestas mulheres cristãs?’ Sua resposta foi simples e surpreendente: ‘Elas nos ensinaram o que significa amar e como amar!’ .

Aqui está o fundamento da nossa fé cristã. Quando uma Filha da Caridade vive seu voto de castidade, ela pode amar os outros em plenitude e intensamente. O voto de castidade nos ajuda a viver livremente o amor que Deus tem por todos nós e a partilhá-lo livremente com os outros.

O VOTO DO SERVIÇO DOS POBRES

Algumas pessoas podem se perguntar por que as Filhas da Caridade estão presentes nestes países da Província da África do Norte, onde as comunidades cristãs estão proibidas de se desenvolver? Eu fiz esta pergunta a estas Filhas da Caridade que me responderam com uma simplicidade impressionante: “Somos Filhas da Caridade a serviço dos pobres e, aqui, existem muitos, muitos pobres”. Para mim, esta resposta é um exemplo concreto do seu ***firme compromisso de viver os votos a serviço dos pobres***. Para conservar este compromisso bem vivo, devem renová-lo a cada ano na festa da Anunciação.

Como o FIAT da Virgem Maria, “Única Mãe da Companhia”, seu sim a Deus torna-as também “servas do Senhor” para fazer sua vontade (Lc 1, 37). Desta maneira, vocês imitam a bem-aventurada Virgem Maria, a serva confiante do Senhor que buscou a Vontade amorosa e providencial do Pai, mesmo quando não compreendia o seu sentido.

A história da Anunciação é também a história de cada Filha da Caridade, quando transmitem o amor de Deus ao mundo, à Igreja e aos pobres. Que a bem-aventurada Virgem Maria e seu “Fiat” sejam sua inspiração e guia.

Para concluir, gostaria de dizer que para “Despertar o mundo”, deve-se recomeçar a cada dia, estar atenta à presença atuante de Deus em nossa vida, deixar o Espírito de Deus animar o seu espírito e o seu coração para discernir “o sentido e o gosto do bem”. Todas se sentirão renovadas como discípulas de Jesus, o amor por nosso carisma vicentino será mais profundo e inflamará o seu coração, o seu espírito e sua vontade.

Padre Gregory GAY, cm
Superior geral

PADRE B. SCHOEPFER, DIRETOR GERAL

Meus Deus, como sois grande!

*Meu Deus, como sois grande e belo! Deus vivo, Deus altíssimo
Vós sois o Deus de Amor.*

*Meu Deus, como sois grande e belo! Deus vivo, Deus altíssimo
Deus presente em toda criação¹ (Patrick Richard).*

A Igreja Católica recebeu no dia 24 de maio de 2015, na festa de Pentecostes, a Encíclica do Papa Francisco, sobre a ecologia humana. Hoje, proponho-lhes uma meditação a partir de alguns parágrafos retirados desta carta poderosa, exigente, corajosa. Com a Igreja desejamos nos comprometer na reflexão sobre as implicações climáticas.

Após a COP21, conferência sobre o clima, em Paris no final de 2015, a Igreja interpela os cristãos sobre o cuidado da criação. ***Ela convida a um caminho de conversão em vista de uma sobriedade feliz com a adoção do estilo de vida que respeite mais o meio ambiente.***

Neste novo caminho a Igreja proclama sua esperança diante do futuro. A Conferência em Paris não foi uma conclusão, mas um momento favorável para imaginar “***o bom caminho***” e repensar uma dinâmica de crescimento e de desenvolvimento.

No início da Encíclica sobre o cuidado da casa comum, o Papa Francisco encanta-se dizendo: “*Laudato Si’, mi’ Signore - “Louvado sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela*

*nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras*².

I. O OLHAR DE JESUS

Com Jesus entremos, também neste encantamento. Que seu olhar nos ilumine para melhor acolher o dom da criação. Neste primeiro tempo da nossa meditação, partilho estes textos retirados da carta sobre a ecologia. Eles nos falam sobre o olhar de Jesus.

1. JESUS RETOMA A FÉ BÍBLICA NO DEUS CRIADOR.

Jesus retoma a fé bíblica no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (cf. Mt 11, 25). Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos seus olhos: “Não se vendem cinco pássaros por duas pequeninas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante de Deus” (Lc 12, 6). “Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as” (Mt 6, 26)³.

2. JESUS NOS CONVIDA A ESTAR ATENTOS À BELEZA DA CRIAÇÃO.

O Senhor podia convidar os outros a estar atentos à beleza que existe no mundo, porque Ele próprio vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de carinho e admiração. Quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-Se a contemplar a beleza semeada por seu Pai, e convidava os discípulos a reconhecer nas coisas uma mensagem divina:

“Levantai os olhos e vede os campos que estão dourados para a ceifa” (Jo 4, 35). “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes; mas, depois de crescer, torna-se a maior planta do horto e transforma-se numa árvore” (Mt 13, 31-32)⁴.

3. JESUS VIVIA EM PLENA HARMONIA COM A CRIAÇÃO.

Jesus vivia em plena harmonia com a criação, e os outros ficavam encantados: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?” (Mt 8, 27). Não Se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Falando de Si mesmo, declarou: “Veio o Filho do Homem que come e bebe, e dizem: “Aí está um glutão e bebedor de vinho” (Mt 11,19). Encontrava-se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo.

Todavia, ao longo da história, estes dualismos combatidos tiveram notável influência em alguns pensadores cristãos e desfiguraram o Evangelho. Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contato com a matéria criada por Deus para moldá-la com a sua capacidade de artesão.

É digno de nota que a maior parte da sua existência terrena tenha sido consagrada a esta tarefa, levando uma vida simples que não despertava maravilha alguma: “Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?” (Mc 6, 3). Assim santificou o trabalho, atribuindo-lhe um valor peculiar para o nosso amadurecimento. São João Paulo II ensinava que, “suportando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de alguma forma, com o Filho de Deus na redenção da humanidade”⁵.

4. O DESTINO DA CRIAÇÃO PASSA PELO MISTÉRIO DE CRISTO

Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: “Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele” (Cl 1, 16). O prólogo do Evangelho de João (1, 1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (*Logos*).

Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra “Se fez carne” (Jo 1, 14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz.

Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera secretamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia ⁶.

5. JESUS, RESSUSCITADO E GLORIOSO, PRESENTE EM TODA A CRIAÇÃO

O Novo Testamento não nos fala só de Jesus terreno e da sua relação tão concreta e amorosa com o mundo; mostra-o também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação com o seu domínio universal. “*Foi n’Ele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas (...), tanto as que estão na terra como as que estão no céu*” (Cl 1, 19-20).

Isto nos lança para o fim dos tempos, quando o Filho entregar ao Pai todas as coisas “*a fim de que Deus seja tudo em todos*” (1 Cor 15, 28). Assim, as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa⁷.

Como Jesus, contemplamos a criação. Com o salmista, impregnado pela gratuidade do dom de Deus, louvamos o Senhor: **Ó Senhor, nosso Deus, como é grande o vosso nome por todo o universo!** (Sl 8,3). Perguntamos: 'Senhor, que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?' Pouco abaixo de Deus o fizestes, coroando-o de glória e esplendor; vós lhe destes poder sobre tudo, vossas obras aos pés lhe pusestes: as ovelhas, os bois, os rebanhos, todo o gado e as feras da mata; passarinhos e peixes dos mares, todo ser que se move nas águas (Sl 8,5-10).

II. APOSTAR NUM OUTRO ESTILO DE VIDA

No entanto, a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa se traduzir em novos hábitos, um outro estilo de vida. O progresso atual e a mera acumulação de objetos ou de prazeres não são suficientes para dar um sentido e a alegria ao coração humano. Retomarei a carta do Papa Francisco, com ele continuaremos a nossa meditação.

1. UMA FORMA ALTERNATIVA PARA COMPREENDER A QUALIDADE DE VIDA

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas outras possibilidades de compreensão e realização pessoal.

A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um retorno à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem nos entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres⁸.

2. A SOBRIEDADE É LIBERTADORA.

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa; aprendem a familiarizar-se com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece⁹.

3. A SOBRIEDADE E A HUMILDADE SÃO DUAS VIRTUDES NECESSÁRIAS

A sobriedade e a humildade não gozaram de positiva consideração no século passado. Mas, quando se debilita de forma generalizada o exercício de alguma virtude na vida pessoal e social, isso acaba por provocar variados desequilíbrios, mesmo ambientais. Por isso, não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores.

O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autônomos, se excluimos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar, se pensamos ser a nossa subjetividade que determina o que é bem e o que é mal¹⁰.

4. ESTAR EM PAZ CONSIGO MESMO.

Por outro lado, ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. Parte de uma adequada compreensão da espiritualidade consiste em ampliar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade? Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor. Isto tem incidência no modo como se trata o ambiente. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença “não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada”¹¹.

5. VIVER TUDO COM SERENA ATENÇÃO

Falamos aqui de uma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante de uma pessoa, sem ficar pensando no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude. Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença de um homem inquieto, “fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10, 21). Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados¹².

6. Parar para agradecer a Deus.

Uma expressão desta atitude é parar para agradecer a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados¹³. Dar graças, abençoar, estar agradecido pelos dons da criação. Com o poeta, cantemos este refrão: “*bendize o Senhor ó minh'alma, não esqueçais nenhum de seus benefícios*”. “*Bendize o Senhor ó minh'alma, bendize o Senhor para sempre*”.

A bênção é uma palavra através da qual reconhecemos que Deus é a fonte de todo bem, que Ele é o Santo, o Escolhido. Deus também nos abençoa e nos dá sua vida através dos sacramentos. Nesta última parte da nossa meditação, somos convidados a exercer nossa capacidade de contemplar e de celebrar o mistério da criação. Destaco aqui alguns parágrafos da Encíclica *Laudato Si*.

III. OS SINAIS SACRAMENTAIS E O DESCANSO PARA CELEBRAR

1. O UNIVERSO SE DESENVOLVE EM DEUS.

O universo se desenvolve em Deus, que o preenche completamente. Portanto, há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas, como ensinava São Boaventura:

“A contemplação é tanto mais elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o efeito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas”¹⁴.

2. OS SACRAMENTOS NOS DÃO A VIDA EM DEUS.

Os Sacramentos constituem um modo privilegiado com que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. Através do culto, somos convidados a abraçar o mundo num plano diferente. A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidas com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor. A mão que abençoa é instrumento do amor de Deus e reflexo da proximidade de Cristo, que veio para Se fazer nosso companheiro no caminho da vida. A água derramada sobre o corpo da criança batizada é sinal de vida nova. Não fugimos do mundo, nem negamos a natureza, quando queremos encontrar-nos com Deus.

Nota-se isto particularmente na espiritualidade do Oriente cristão. “A beleza, que no Oriente é um dos nomes mais queridos para exprimir a harmonia divina e o modelo da humanidade transfigurada, mostra-se em toda a parte: nas formas do templo, nos sons, nas cores, nas luzes, nos perfumes”.

Segundo a experiência cristã, todas as criaturas do universo material encontram o seu verdadeiro sentido no Verbo encarnado, porque o Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva: “O cristianismo não rejeita a matéria; pelo contrário, a corporeidade é valorizada plenamente no ato litúrgico, onde o corpo humano mostra sua íntima natureza de templo do Espírito Santo e chega a unir-se a Jesus Senhor, feito também Ele corpo para a salvação do mundo”¹⁵.

3. A EUCARISTIA É UM ATO DE AMOR CÓSMICO

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se alimento para a sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através de um pedaço de matéria. Não a partir de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus.

Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. “Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar de uma Igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, *sobre o altar do mundo*”. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação.

O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, “a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador”. Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira ¹⁶.

4. O DOMINGO É O DIA DA RESSURREIÇÃO, DA NOVA CRIAÇÃO.

No domingo, a participação na Eucaristia tem uma importância especial. Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de purificação das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

O domingo é o dia da Ressurreição, o “primeiro dia” da nova criação, que tem as suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, este dia anuncia “o descanso eterno do homem, em Deus”. Assim, a espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa.

O ser humano tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que deste modo se tira da obra realizada o mais importante: o seu significado. Na nossa atividade, somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples inatividade. Trata-se de outra maneira de agir, que pertence à nossa essência.

Assim, a ação humana é preservada não só do ativismo vazio, mas também da ganância desenfreada e da consciência que se isola buscando apenas o benefício pessoal. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sétimo dia, “para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente” (Ex 23, 12).

O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres¹⁷.

Através da oração, da reflexão e da adoração ao longo deste dia, escutemos Deus que nos diz: “***Eu sou o teu Criador e teu Salvador!***” Convido-as a retomar uma das orações citadas no final da Encíclica sobre o cuidado da nossa casa comum.

Oremos

Nós Vos louvamos, Pai, com todas as vossas criaturas, que saíram da vossa mão poderosa. São vossas e estão repletas da vossa presença e da vossa ternura. **Louvado sejais!**

Filho de Deus, Jesus, por Vós foram criadas todas as coisas. Fostes formado no seio materno de Maria, fizestes-Vos parte desta terra, e contemplastes este mundo com olhos humanos. Hoje estais vivo em cada criatura com a vossa glória de ressuscitado. **Louvado sejais!**

Espírito Santo, que, com a vossa luz, guiais este mundo para o amor do Pai e acompanhais o gemido da criação, Vós viveis também nos nossos corações a fim de nos impelir para o bem. **Louvado sejais!**

Senhor Deus, Uno e Trino, comunidade estupenda de amor infinito, ensinai-nos a contemplar-Vos na beleza do universo, onde tudo nos fala de Vós. Despertai o nosso louvor e a nossa gratidão por cada ser que criastes. Dai-nos a graça de nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe.

Deus de amor, mostrai-nos o nosso lugar neste mundo como instrumentos do vosso carinho por todos os seres desta terra, porque nem um deles sequer é esquecido por Vós.

Iluminai os donos do poder e do dinheiro para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos, e cuidem deste mundo em que habitamos.

Os pobres e a terra estão bradando:

Senhor, tomai-nos sob o vosso poder e a vossa luz, para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor, para que venha o vosso Reino de justiça, paz, amor e beleza. **Louvado sejais!** Amém.

(Oração cristã com a criação)
Padre Bernard SCHOPFER, cm

Notas

¹ Letra e música de Patrick Richard

² Laudato Si, n°01

³ Laudato Si' n°96

⁴ Laudato Si' n°97

⁵ Laudato Si' n°98

⁶ Laudato Si' n°99

⁷ Laudato Si' n°100

- ⁸ Laudato Si' n°222
⁹ Laudato Si' n°223
¹⁰ Laudato Si' n°224
¹¹ Laudato Si' n°225
¹² Laudato Si' n°226
¹³ Laudato Si' n°227
¹⁴ Laudato Si' n°233
¹⁵ Laudato Si' n°235
¹⁶ Laudato Si' n°236
¹⁷ Laudato Si' n°237

NOMEAÇÕES

NOMEAÇÕES

DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS

PROVÍNCIA DA GRÃ-BRETANHA: Irmã Ellen FLYNN foi designada Visitadora, no dia 22 de julho de 2015.

PROVÍNCIA DA BÉLGICA-FRANÇA-SUÍÇA: Irmã Elise BORTHEIRIE foi designada Visitadora, no dia 2 de setembro de 2015.

NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS

PROVÍNCIA DE MADAGASCAR : o Padre Noël RAMANANDRAIBE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, por um mandato de seis anos, no dia 24 de março de 2015.

PROVÍNCIA CHINESA: o Padre Jan Van AERT foi renomeado Diretor Provincial das Filhas da Caridade, no dia 24 de março de 2015 até a data da unificação das três Províncias.

PROVÍNCIA DE GIJON: o Padre Juan Velasco ROBLA foi renomeado Diretor Provincial das Filhas da Caridade até a data da unificação com a PROVÍNCIA de San Sebastian, no dia 24 de março de 2015.

PROVÍNCIA DE COLONIA-PAÍSES-BAIXOS: o Padre Mathieu VAN KNIPPENBERG foi nomeado vice-Diretor das Filhas da Caridade da língua holandesa, por três anos, no dia 21 de abril de 2015

PROVÍNCIA DE LOS ALTOS HILLS: o Padre Bernard QUINN foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, no dia 21 de abril de 2015.

PROVÍNCIA DA ÍNDIA DO NORTE: o Padre José MANJALY foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, no dia 21 de abril de 2015.

PROVÍNCIA DA ERITREIA: o Padre Oqbamicael TECLU foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade em tempo parcial, por seis anos, no dia 18 de maio de 2015.

PROVÍNCIA DE ESLOVÊNIA: o Padre Pavle NOVAK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade em tempo parcial, por seis anos, no dia 18 de maio de 2015

PROVÍNCIA DE ESLOVAQUIA: o Padre Jozef GARAJ foi renomeado Diretor Provincial das Filhas da Caridade por três anos, no dia 15 de julho de 2015.

PROVÍNCIA DA BÉLGICA-FRANÇA-SUÍÇA: o Padre Yves BOUCHET foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, no dia 14 de outubro de 2015.

PROVÍNCIA DOS CAMARÕES: o Padre Emmanuel TYPAMM foi renomeado Diretor Provincial das Filhas da Caridade por três anos, no dia 7 de dezembro de 2015.

IRMÃ E. BORTHEIRIE, FILHA DA CARIDADE

INTERGERAÇÃO E VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE

**I - Geração e intergeração
uma realidade que nos constitui
como seres humanos.**

Há alguns anos, uma Irmã dominicana foi internada no hospital onde eu trabalho como responsável pela pastoral da saúde. Ela tinha 97 anos e deveria amputar uma perna. Esta Irmã foi professora de Bíblia e ajudou pessoas de diferentes gerações a entrar no conhecimento de Deus e do ser humano, durante longos anos, e assumiu várias responsabilidades na Congregação, onde era muito apreciada por suas Irmãs. Através de sua experiência ela conhecia profundamente a vida fraterna. Conhecia a sua fonte, sua realidade humana, seu mistério. No hospital, no momento de receber a comunhão em seu quarto, levada por mim, incansavelmente, ela fazia esta pergunta diante da Eucaristia: “Quem é Deus? O que é o homem? O que é o homem para se beneficiar de tanto amor?”

Hoje, me dirigindo a vocês, penso nesta Irmã, no mistério da Eucaristia que nos firma na verdadeira fraternidade, que nos firma na comunhão... e eu faço as mesmas perguntas: ‘quem é Deus? O que é a nossa humanidade? Como falar de amor, de fraternidade, na vida comunitária?’

Através destas questões, vocês poderão compreender que este assunto “de relação fraterna em comunidade” está acima de minhas capacidades de compreensão e que seria melhor se eu me colocasse à escuta do que cada uma tem a dizer, acolher suas experiências e aprender com elas. Mas, pediram-me para falar sobre o assunto. Realmente, tenho consciência de poder oferecer-lhes apenas um aspecto muito limitado deste vasto assunto e que não ensinarei nada de novo. Vou basear-me essencialmente na experiência de vida fraterna sempre em evolução com a passagem dos anos e também na maneira de aprofundar a resposta à nossa vocação comum.

No primeiro momento, delimitaremos o conceito de ‘geração’, no plano horizontal e no plano vertical, como uma realidade que nos constitui como seres humanos.

No segundo momento, falaremos mais sobre a vida de comunidade fraterna.

I - GERAÇÃO E INTERGERAÇÃO: UMA REALIDADE QUE NOS CONSTITUI COMO SERES HUMANOS.

O conceito de ‘geração’ tem múltiplos sentidos. Proponho-lhes fazer uma abordagem sociológica que cada uma poderá completar com outras abordagens, caso vejam necessidade.

GERAÇÃO NO SENTIDO HORIZONTAL

De acordo com o aspecto sociológico, pode-se definir a geração no sentido horizontal como um conjunto de pessoas que possuem aproximadamente a mesma idade, ou que viveram na mesma época histórica. Os mesmos acontecimentos históricos experienciados despertam uma certa visão comum de mundo. Estas pessoas da mesma idade e que pertencem a uma mesma época experimentam um certo número de práticas e de representações comuns.

Especialistas em sociologia estudaram o fenômeno das gerações; graças a eles, podemos identificar aspectos gerais que caracterizam pessoas de gerações particulares. No entanto, não podemos jamais definir o ser humano, pois sua complexidade e sua parte de mistérios estão totalmente fora do nosso controle. Também não podemos fechar as pessoas em ‘compartimentos’, nem dizer que tais valores ou tais comportamentos pertencem exclusivamente a tal geração.

1. Evoluções sociais e culturais através das gerações

Cada geração é um certo reflexo da época que a viu crescer. As invenções, as novas tecnologias, as grandes crises políticas e econômicas são alguns dos fenômenos que esculpem as características, as aspirações e os valores que serão vividos por uma geração. Eles serão diferentes de acordo com as épocas.

A distância entre as gerações provoca muitas vezes conflitos baseados nas diferentes maneiras de olhar o mundo e de nele viver, assim como conflitos sobre as bases de uma hierarquia de valores que variam em função da evolução do tempo e da história.

Podemos identificar nas gerações observadas desde 1925, algumas características específicas; elas podem nos ajudar a melhor compreender e amar nossas Irmãs que pertencem a estas épocas. Estas observações referem-se particularmente ao mundo europeu, onde me situo; conto com a clemência de todas para acolher este limite que talvez não reflita a realidade dos outros continentes onde cada uma vive. Ainda assim, talvez vocês possam encontrar algumas relações com a sua realidade.

A geração de 1925 - 1942

São pessoas que viveram tempos de guerra numa época onde a qualidade do trabalho era uma arte. Uma época onde a lealdade e o sentido do dever eram valores dominantes.

Estas pessoas expressam uma docilidade diante da autoridade e um acentuado sentido do dever. Elas têm o senso do esforço e são obstinadas no trabalho. Suas escolhas de vida e os meios materiais bastante limitados demonstram o senso de economia e prudência na utilização dos bens e na maneira de olhar para o futuro.

A geração de 1943 - 1959

Estamos no final da Segunda Guerra Mundial e constata-se uma grande diferença na economia e na demografia da maioria dos países da Europa. Esta geração será chamada, a geração Baby-boom. A realização no trabalho é um dos valores dominantes. Esta geração tem muitas escolhas de vida com possibilidades de empregos excepcionais no mercado do trabalho. Muitas pessoas desta época tiveram uma vida centrada no trabalho e na valorização social ligada à carreira. Elas respeitam a autoridade e a estrutura hierárquica e têm uma estabilidade no trabalho até o fim da vida com um sentimento de pertença à empresa. Apesar dos numerosos divórcios, a preocupação dos valores familiares permanece forte. Com aspirações mais materialistas, nesta geração se reconhece o começo das reformas sociais, a formação dos sindicatos, uma aspiração profunda pela liberdade, um desejo de mudar o mundo. As pessoas desta geração se caracterizam também por sua vontade de conservar sua juventude custe o que custar.

A geração de 1959 - 1977

Esta geração situa-se na transição social; assistimos ao declínio do imperialismo colonial e a queda do muro de Berlim que marca o fim da Guerra Fria. Esta geração viveu um declínio profissional com dificuldades para encontrar empregos estáveis bem remunerados. Esta é a geração 'X'. A busca de desafios e a necessidade de aprender são valores dominantes.

Esta geração 'X' é confrontada a uma penúria de emprego. O salário não será o elemento motor principal para a escolha do seu trabalho. Será muito mais a busca por um trabalho que proporcione uma certa possibilidade de crescimento, que permita aprender, desenvolver-se, viver desafios, que irão motivar o engajamento. Esta geração é crítica diante das instituições e em relação às outras gerações. Ela questiona a autoridade e deseja evoluir num ambiente de colegiado e solidário com a participação na tomada de decisões e na definição dos objetivos nos projetos.

Para as pessoas desta geração que são muito mais centrados em suas próprias necessidades, que vivem no presente e para o presente, a vida não é apenas o trabalho. Busca-se um certo equilíbrio de vida entre o trabalho e a vida de família com horários de trabalhos mais flexíveis, com possibilidades de tirar licenças de trabalho prolongadas, etc.. Constata-se também uma maior abertura social, uma maior abertura ao mundo com uma evolução no pluralismo cultural, na igualdade dos sexos e na ecologia.

A geração de 1978 - 1994

As pessoas desta geração não sofreram as ameaças da Guerra Fria; não conheceram o mundo sem a AIDS; consideram ultrapassadas as transformações morais dos anos 1960-1970. Aprenderam desde cedo a viver com os meios de comunicação: televisão, telefone, Internet. Esta é a chamada geração 'Y' cujo nome vem, dentre outros, devido ao desenho da letra 'Y' que o fio do fone de ouvido faz sobre o peito. O coaching e o feed-back são valores dominantes. Esta geração também é chamada de 'e.generation' em referência à Internet. Podemos dizer que ela já 'nasceu com a tecnologia' e que tem uma abertura precoce ao mundo. Constatam-se em seus contemporâneos um forte individualismo e valores concentrados no material com comporta-

mentos de hiperconsumismo e hipersexualização. Sua noção de bem e de mal é vaga e os modelos de identificação que buscam são raros. Vemo-los rebeldes diante da autoridade com uma incompreensão da necessidade de pontualidade, de sinais tradicionais de gentileza, maneira de se vestir, etc... Eles têm muitas ideias, são astuciosos e críticos.

Os trabalhadores da geração 'Y' expressam uma independência em relação ao empregador: a empresa deve ter alguma coisa a oferecer e não o contrário. Eles têm dificuldade de executar uma tarefa ou uma ordem se não compreendem a utilidade ou a razão. Buscam prazer no trabalho, um ritmo e resultados rápidos, um emprego estimulante, nada de rotina. Desejam evoluir num ambiente 'de colegiado' e valorizam o trabalho em equipe. Eles expressam também uma necessidade contínua de feedback e um desejo de rápida ascensão social. Sua necessidade de coaching (busca de um mentor e não um superior) assinala sua intenção de avançar sozinho e de ter alguém com quem possa contar, caso as coisas não funcionem. Esta geração é também categorizada como Geração 'E': a única coisa que conta, sou eu!

1995 - ... ?

Esta geração viveu o atentado do World Trade Center - 11 de setembro de 2001, a guerra do terrorismo. É também a geração do MP3. Ela é chamada geração 'Z'. Estas pessoas conhecem as novas tecnologias de informação e de comunicação (NTIC). Suas expectativas estão próximas daquelas da geração que a precedeu. Com sua abertura aos países emergentes, parece que não terão grandes dificuldades para encontrar um emprego.

A grande diferença entre a geração Z e a geração Y é que estes jovens já nasceram, vivem e viverão com Internet. Assim sendo, muitas vezes, eles dominam perfeitamente os instrumentos informáticos, quaisquer que sejam: computadores, GPS ou os telefones celulares. Eles os utilizam diariamente e viver sem estes aparelhos parece-lhes algo inconcebível.

Todas estas descrições traçam aspectos por assim dizer, comuns a um grande número de pessoas e, cada uma de nós pode se identificar, mais ou menos, com um grupo ou com outro. No entanto, uma geração não constitui um conjunto homogêneo. No nosso mundo, as realidades religiosas, culturais, políticas, ideológicas constituem outros pontos de referências em torno dos quais, outras classificações são possíveis e identificáveis.

2 - Evolução eclesial

A Igreja faz parte do mundo e evolui em meio ao ritmo das evoluções humanas, sociais e espirituais segundo as épocas específicas. No que se refere à Igreja, na história mais recente, podemos definir o acontecimento do Concílio Vaticano II como um evento maior, que marcou uma transição de gerações. Reconhecemos as gerações formadas antes do Vaticano II com suas referências e valores e a geração após o Concílio com outros referenciais e outros valores. A vida consagrada de maneira geral foi fortemente influenciada pela sacudida destes referenciais no momento do Concílio. Esta dimensão mereceria ser aprofundada para melhor compreender nossas Irmãs idosas em nossas Comunidades. Contento-me em fazer brevemente uma referência à Mère Guillemin que participou ativamente da entrada da Companhia no Espírito do Concílio Vaticano II. Em 1964, em relação às posições tradicionais que ocupávamos, ela propôs uma mudança de posição, fruto de uma conversão espiritual comum. Citá-las-ei: *'Se ela quer ser fiel ao mundo, ao Cristo, à Igreja e conseqüentemente aos seus fundadores, a Filha da Caridade hoje, é chamada a passar:*

de uma situação de posse a uma situação de inserção;

de uma posição de autoridade a uma posição de colaboração;

de um complexo de superioridade religiosa a um sentimento de fraternidade;

de um complexo de inferioridade humana, a uma participação franca da vida;

de uma preocupação de 'conversão moral' a uma preocupação missionária'¹.

Não podemos imaginar como o chamado para viver estas passagens foi recebido, não somente pelas Filhas da Caridade, mas também por um grande número de comunidades religiosas da época. Isto representou uma verdadeira revolução mental, espiritual e social. Apesar das resistências relacionadas à educação de uma época que trazia seu sentido e seus valores, mudanças foram realizadas pouco a pouco tanto no nível pessoal como comunitário. Por exemplo, comunidades mais centradas na uniformidade e no respeito às regras, após o Concílio Vaticano II, deram mais importância à pessoa, ao respeito por suas habilidades e seu

itinerário interior, à responsabilidade pessoal. De fato, nas orientações que surgem do Concílio, fala-se sobre a complementaridade das pessoas, das funções, dos carismas mais do que sobre a uniformidade. A noção de vida fraterna aparece com uma espiritualidade de comunhão onde cada um é convidado a construir relações mais autênticas e mais fraternas. Também se desenvolveram novas maneiras de rezar e de partilhar em comunidade; assim como a oração da Liturgia das Horas, a Eucaristia, os exercícios espirituais tais como as partilhas do Evangelho, as partilhas de experiência de fé e apostólicas. Elas produzem uma renovação espiritual nas Comunidades e favorecem a construção da vida fraterna em comum. Porém, algumas pessoas e comunidades religiosas não puderam entrar neste movimento de renovação. Uma distinção permanece perceptível nas mentalidades que permaneceram apegadas ao espírito anterior ao Vaticano II. Ainda hoje, em Comunidades de Vida Consagrada e na Igreja, esta diferença de mentalidade pode ser uma fonte de dificuldades relacionais e às vezes, até mesmo de conflitos.

GERAÇÃO NO SENTIDO VERTICAL OU INTERGERAÇÃO

O sentimento de pertencer a uma geração não se forma apenas horizontalmente, isto é, em relação a um determinado período histórico, mas também verticalmente, em relação aos laços de filiação. As gerações se constituem reciprocamente, ao longo do tempo, através da continuidade, das transformações da sociedade e também através das relações intrafamiliares. Assim, desde o nosso nascimento, vivemos em nosso meio natural e na nossa cultura intercâmbios entre diferentes gerações: entre pessoas de uma mesma família, de um mesmo parentesco, de uma mesma vizinhança ou de um mesmo grupo étnico.

Lá, aprendemos e integramos em nossa história pessoal, uma maneira de viver juntos: por exemplo a maneira de tratar as pessoas mais velhas ou idosas, de escutá-las, de apreciar sua sabedoria e sua experiência: a maneira de transmitir alguns valores a outras gerações: o sentido de família, de solidariedade, de partilha, de expressão da fé; a maneira de viver alguns acontecimentos da vida: acolher um novo membro na família através do casamento, dos nascimentos, a maneira de viver a doença, as dificuldades, o luto.

Neste ambiente natural, fizemos a experiência de que as partilhas humanas entre gerações nem sempre são simples e fáceis de administrar. Podem acontecer incompreensões, resistências no acolhimento da novidade, do que é estranho à sua cultura ou às tradições, rupturas de relações para permanecer fiel aos valores considerados como essenciais.

Como exemplo concreto, penso numa senhora, que já é avó e que, há alguns dias, me falou sobre sua neta, Natália, que têm 20 anos. Disse-me que após longos anos sem contato com a neta, devido a desencontros com os pais da garota, um dia Natália liga para ela e diz: “Vovó, estou muito feliz e gostaria de visitar a senhora. Eu vou com o meu namorado de quem gosto muito e eu gostaria de apresentá-lo a senhora. Será que podemos passar este final de semana na sua casa?” A avó de quase 90 anos ficou confusa com este telefonema. Ela estava muito feliz em saber que sua neta, após anos de silêncio, dava sinais de vida e que desejava visitá-la, mas ao mesmo tempo, ela não podia aceitar acolhê-la em sua casa, para passar o final de semana, com o namorado, com o qual já vivia sem ser casada. Era contrário aos seus valores. Após ter refletido um instante e correndo o risco de perder totalmente o contato com sua neta, ela disse: ‘Minha querida, estou muito feliz que esteja apaixonada por este jovem e eu os acolho com alegria. Vocês poderão passar todo o dia comigo, de manhã até de noite, mas não podem dormir aqui. Isto é contrário aos meus princípios e você sabe’. Natália não se comunicou mais com sua avó durante vários meses. Durante este tempo, a avó após sofrer muito, mas ao mesmo tempo compreensiva, comprou um celular e começou a aprender a utilizar o SMS para falar com a neta e tentar comunicar-se com ela através deste meio. Esta iniciativa permitiu que Natália respondesse e as relações pouco a pouco foram se restabelecendo até mesmo com trocas de palavras de amor. Cada uma delas percorreu o seu caminho para se encontrar, respeitando-se mutuamente.

Assim, mesmo em nossas famílias, em nosso ambiente natural, temos a experiência da complexidade das relações humanas entre gerações; experimentamos dificuldades relacionais associadas às diferenças de valores na nossa própria família. Somos testemunhas de rupturas, de tentativas de abertura, de superação, de construção novas relações ou de bloqueios no acolhimento das diferenças.

ALÉM DAS GERAÇÕES, DAS DIFERENÇAS

O fenômeno da globalização do nosso planeta e a generalização dos meios de comunicação social podem nos levar a pensar que, enquanto seres humanos, todos temos pontos comuns e que, conseqüentemente podemos naturalmente comunicar-nos com todo mundo e nos encontrarmos no plano humano.

Uma sessão internacional como esta, por exemplo, é uma bela ocasião para reconhecer a realidade das diferenças e os limites da comunicação até mesmo dentro de uma mesma geração, dentro de uma mesma vocação. Se isto é real e evidente para um encontro internacional, vindas de países e culturas diferentes, isto também é verdade dentro de uma comunidade composta por Irmãs de uma mesma geração ou de Irmãs de gerações diferentes.

De fato, a partir do momento que duas pessoas se encontram, são dois universos diferentes que se encontram, o universo pessoal e o cultural. Não somente cada indivíduo é único no mundo, como também, aparentemente, as qualidades mais universais são partilhadas diversamente segundo as pessoas, e segundo as culturas.

Pensemos simplesmente em nossas qualidades físicas. Acreditamos que, porque temos orelhas então escutamos. Se escutarmos juntos um trecho de uma música que escolhi porque me parece maravilhoso, posso pensar que todas irão escutar a mesma coisa que eu e que todas a apreciarão da mesma maneira. Assim também acontece com os cantos que eu posso propor na capela, por exemplo: eu poderia dizer: ‘Cada uma apreciará certamente este maravilhoso louvor a Deus’...Mas, não! Nós não ouvimos a mesma coisa... e assim saboreamos o que escutamos de maneira diferente. Não será uma surpresa se as Irmãs que estão ao meu lado, sem má-fé ou má vontade, não apreciem a música da mesma maneira que eu.

Da mesma forma para os olhos: temos olhos e cremos ver. Não somente, não vemos as mesmas coisas, como também não olhamos para estas coisas da mesma maneira. Assim também acontece em relação aos outros sentidos.

Todas essas qualidades físicas nos fazem perceber de um mesmo lugar, mundos diferentes. Ora, pensamos a partir do mundo que percebemos. Criamos um mundo a partir do que vemos, do que escutamos, do que tocamos. Não temos um acesso direto à realidade: é sempre através da mediação dos sentidos que isto acontece. Nossos sentidos nos fazem perceber mundos diferentes, ou nos fazem perceber diversamente, o mesmo mundo. É muito importante ter consciência disto porque, quando falamos das mesmas coisas em comunidade, se temos pontos de vistas diferentes, não é por má vontade ou má-fé, provavelmente, é porque temos qualidades diferentes, ou talvez, seja porque temos culturas diferentes e experiências diferentes.

Quando as pessoas são muito diferentes, quando não se parecem muito conosco, somos tentadas a rejeitá-las, simplesmente porque não estamos à vontade diante desta diferença. É importante ter consciência e aceitar que num mesmo lugar as pessoas possam ser diferentes.

A COMUNIDADE DAS FILHAS DA CARIDADE: UMA COMUNIDADE HUMANA, COM SEUS LIMITES.

A Comunidade das Filhas da Caridade não escapa em nada daquilo que é humano. Desde as origens, a Companhia é composta por pessoas diferentes. Os escritos dos nossos Fundadores nos confirmam as diversas origens: as jovens do campo, da cidade, as Irmãs jovens e as Irmãs mais velhas, as características de uma e as da outra; as dificuldades relacionais no interior de algumas comunidades, como também com pessoas externas... Temos consciência de que na Companhia, em nossas Comunidades, cada uma é única, não é menor do que as outras:

Cada uma é marcada por uma história familiar, social, profissional, cultural e religiosa com sua idade e sua saúde, com sua psicologia, sua afetividade, seus desejos e suas expectativas, com suas riquezas e seus limites humanos e espirituais. Somos pessoas diferentes devido à idade, à formação, à cultura, ao tipo de serviço, à saúde, etc. Na verdade, a comunidade reúne pessoas que, em si mesmas, não foram feitas para viver juntas. Não podemos escapar, nem ao habitual cotidiano do encontro, nem à realidade do outro em sua diferença: por exemplo: ‘eu sou lenta, e a outra é rápida; sou minuciosa e a outra é fantasiosa, ela gosta de música e eu gosto de silêncio, etc..’. Não escapamos disto, nem também da lenta construção de um diálogo e de uma relação marcada pelo esforço humano de confiança e de medo, de maior ou menor simpatia

natural, de rivalidade e de submissão, de responsabilidade e de vontade de autonomia, de sedução e de dominação, etc.

Uma realidade a acolher

Em nossa comunidade, podem viver juntas, pessoas que têm a idade para ser nossa bisavó, avó, filha, neta. Nesta realidade de gerações diferentes, o que pode permitir a relação e a vida fraterna em comum? Na verdade, a vida em comum não cria automaticamente a relação fraterna que é o que pode permitir a diferença e a vida fraterna em comum. A vida comunitária pode querer reduzir e até mesmo eliminar a diferença.

Todas nós buscamos, conscientes ou não, a relação ideal, a comunidade ideal: uma comunidade unânime, que está de acordo sobre as mesmas coisas, uma comunidade sem choques, uma comunidade na qual nos sentimos bem à vontade. Mas, quando olhamos a realidade de nossa Comunidade, esta idealização vem acompanhada pela decepção. Ela nos conduz a uma tarefa, a um combate: aprender a consentir a realidade e a construir relações fraternas com esta realidade.

Nos primeiros anos em comunidade podemos sentir fortemente esta aspiração pela comunidade ideal e ao mesmo tempo ficar muito decepcionada. Ao passo que no começo eu podia achar as Irmãs 'boas' e santas, no entanto, com o passar do tempo, descubro que elas têm alguns aspectos feios, alguns limites. Então, vem o pensamento: 'não foi isto o que eu pensei', jamais poderia acreditar que Irmãs poderiam ser como esta...' 'mas isto não é possível...' etc. O que está acontecendo? Além da decepção que vem da realidade dos outros, da vida comunitária, existe também a busca de uma unidade de vida que é difícil encontrar por si mesma. Durante os primeiros anos, fazemos a experiência de muitas tensões dentro de nós mesmas em relação às Irmãs com as quais convivemos, com relação aos novos horários e estilo de vida, com relação a uma dicotomia entre a missão e a vida comunitária.

Questionamo-nos como conciliar tudo com as exigências da vida espiritual, da vida fraterna, da vida apostólica? Como encontrar um equilíbrio e assumir o que podemos sentir como frustração? Quando se é jovem, podemos ter durante algum tempo, o sentimento de não se encontrar, de não mais saber ou de não mais sentir o que faz a unidade de sua vida. Na Comunidade que as acolhe, especialmente, nos países onde atualmente as vocações são poucas, as Irmãs mais velhas em vocação podem criar grandes expectativas em relação às mais jovens como vocês. Elas podem idealizar a Irmã jovem que você é; podem também expressar inquietudes em relação à sua geração, com relação ao que vocês expressam; podem ter medo de serem deslocadas pela novidade que vocês representam, assim como pelo fato que inconscientemente uma geração envia a geração precedente em direção à morte. Considerando suas idades, elas podem tratá-las como suas filhas ou netas, e ter atitudes que podem infantilizá-las.

Por outro lado, vocês que são jovens podem ter em relação à Irmã mais velha, atitudes semelhantes às que vocês tiveram com suas mães, suas avós, com reações de rivalidade, de independência ou ainda buscar proteção afetiva, etc..

Concretamente, em uma Comunidade, as expectativas recíprocas, as decepções, os medos, podem assumir um lugar no comportamento de todas, assim como nos diálogos e nas contestações que acontecem na vida quotidiana. A decepção e a passagem que isto supõe para consentir a realidade constituem uma dura prova para cada uma. Para as mais frágeis, isto pode levar até mesmo a um questionamento sobre a escolha vocacional.

Uma realidade a discernir

Em nossa realidade de vida, a idade pode ser vivida como um poder. Para cada uma, a experiência pessoal, isto é, minha vivência pode se tornar a norma e a referência que posso tentar impor aos outros. Uma Irmã idosa, em referência à sua história comunitária, pode, por exemplo querer impor às outras uma maneira de fazer e exercer um poder na conduta daquela que é mais jovem.

Uma Irmã mais jovem que têm um conhecimento maior em uma determinada área ou simplesmente porque ela faz parte da 'juventude' pode querer também ser a norma e a referência para as outras Irmãs de sua Comunidade, por exemplo: 'Vocês, sabem, nós jovens, nascemos com as tecnologias de comunicação e

nós não podemos ficar sem elas... as senhoras já estão ultrapassadas...”, ela pode impor seu poder porque simplesmente é jovem, e acredita que o futuro da Companhia está em suas mãos.

Irmã Elise BORTHEIRIE
Filha da Caridade

Notas :

¹ Mère Guillemin

IRMÃ ELISE BORTHEIRIE, FILHA DA CARIDADE

INTERGERAÇÃO E VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE

II - Fundamentos da vida relacional em Comunidade

Nesta manhã, abordaremos a questão das gerações e das diferenças que nos constituem como seres humanos. Esta apresentação nos lembrou que a relação com os outros, diferentes em si, é ao mesmo tempo uma graça e uma dificuldade.

Vimos que somos diferentes daquelas com as quais convivemos. O desconhecido do outro, a diferença, o que resiste, o que separa, pode gerar obstáculos e conflitos; estes elementos ferem os sonhos de unanimidade.

Evocamos também o fato de que as novas tecnologias de informação e de comunicação ocupam um grande espaço em nossa realidade contemporânea. Elas influenciam nossa maneira de nos comprometermos com a vida e com as relações comunitárias, criando uma distância específica com as Irmãs que não têm acesso a estas técnicas.

No entanto, temos também muitas coisas em comum sobre as quais podemos apoiar-nos para construir, hoje, relações autênticas e fraternas lá onde o Senhor nos enviou.

NOSSA RAZÃO DE ESTAR JUNTAS - CONVICÇÕES

A razão de viver juntas é um elemento estruturante da vida relacional em Comunidade. Algumas vezes, especialmente nos momentos que me sinto em tensão com minhas Irmãs em Comunidade, é importante perguntar ‘por que eu vivo com outros?’ Para ser feliz? Para ser mais forte? Para estar em segurança? Ou por que os outros me agradam?

Mesmo se espontaneamente, vivemos próximas do nível do sentir, do sentimento: “*o outro me agrada ou não me agrada, estou ou não à vontade com, etc..*”, não são sentimentos que devem ser ponderados na vida relacional em comunidade. Devemos passar para um outro nível, as Constituições definem claramente a razão do nosso viver juntas: “*Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço*” (C.32a).

Se estamos juntas, é porque somos Irmãs na Companhia das Filhas da Caridade e porque foi Deus que nos constituiu nesta fraternidade.

Desde as origens, São Vicente e Santa Luísa tiveram a firme convicção de que foi Deus quem desejou a Companhia: foi Deus quem a construiu, foi Deus que chamou Margarida Naseau e todas as outras Irmãs que vieram em seguida, até hoje: “*Não foi a Senhora Le Gras, nem o Senhor Padre Portail, nem muito menos eu, foi Deus quem estabeleceu a Companhia*”.

Permitam-me, aqui, lembrar-lhes algumas convicções evangélicas.

1- “*Não fostes vós que me escolhestes*” (Jo 15,16)

Toda Comunidade de Filhas da Caridade se constitui na fé em “*Deus que nos chamou e reuniu*” (cf. C.32a). Jesus nos diz, incansavelmente: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi e vos constituí...*” (Jo 15,16). É importante que repitamos para nós mesmas estas palavras, é importante aquecer o coração na experiência do amor gratuito de Deus por nós desde o primeiro chamado, é importante expressar-lhe a nossa gratidão por este chamado, esta escolha da qual somos beneficiadas.

Também é importante olhar para as outras Irmãs da Comunidade; elas também são pessoas chamadas gratuitamente por Deus, como nós o fomos.

Sim, Deus está na origem de nossa Comunidade, tal como ela é atualmente. Foi Ele que nos escolheu, tal como somos, foi Ele quem nos reuniu tal como somos, para viver uma vida fraterna e dar testemunho dele (cf. C.9).

2 - “*O que é fraco no mundo, Deus escolheu para confundir os fortes*” (1 Co 1,27)

Para fazer parte de uma equipe de trabalho, de uma associação, sabemos que aquele que seleciona os candidatos presta atenção primeiro nas qualidades, nas competências, nas experiências, na correspondência com o perfil do posto a ser assumido.

Quando Jesus se dirige às pessoas e as convida a segui-Lo, Ele realiza sinais: aos cegos, aos mancos, aos aleijados, aos surdos, aos doentes...

Ouso crer que todas nós temos consciência de que, apesar de todas as qualidades e competências que podemos ter, temos também enfermidades; zonas de cegueira, de surdez, de fechamento, etc.

Não somos nem pessoas ideais ou selecionadas, nem pessoas santas... Nossa comunidade é composta por mulheres, bastante humanas, que conhecem os limites de suas vidas e os seus pecados. Formamos uma comunidade de pessoas frágeis que colocam sua fé Naquele que tudo pode e para quem nada é impossível.

O olhar de fé nos ajuda a reconhecer que nossas Irmãs, como os pobres são mediações para encontrar Deus. Elas podem tornar-se o objeto de nossa contemplação: Jesus Cristo se faz presente nelas para que possamos encontrá-lo, amá-lo, servi-lo.

- Aceitamos ser fracas diante de Deus?
- Aceitamos ser fracas diante dos outros ? Se não, por quê?
- Aceitamos estar em uma Comunidade que não é bem-sucedida, que não está em harmonia e onde, no entanto, Jesus Cristo está presente e se dá a conhecer e a amar?

Se reconhecemos e aceitamos a pobreza humana de nossa vida comunitária, testemunhamos publicamente Jesus Cristo. Nossa vida comunitária imperfeita expressa então que nosso Deus, não é o Deus das elites, dos iniciados, dos poderosos, dos perfeitos, mas é o Deus de todos, o Deus dos pobres, dos pequenos, dos pecadores e nosso Salvador.

3 - “*Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros* (Jo 13, 34).

A lei do crescimento da Comunidade das Filhas da Caridade, não é a lei da competição... é a lei do Amor.

“*A Comunidade local deseja ser a imagem da Trindade, segundo a expressão dos Fundadores*” (C. 32a). O amor trinitário é a lei do crescimento da nossa comunidade fraterna. Este amor não deve ser confundido com os sentimentos naturais de simpatia. Ele é acolhimento, estima, respeito, confiança, misericórdia

(C.32 a-b). Ele se expressa no dom total de si aos outros, numa relação que favoreça a reciprocidade. A abertura no amor se mede pela benevolência e pela beneficência em relação a todos, inclusive daqueles que nos são menos simpáticos.

Vivendo assim no acolhimento mútuo, indulgente, deixamos transparecer a verdade do ser humano que é fundamentalmente um ser de relação, em crescimento através da relação. Toda pessoa se enriquece e se alimenta da abertura ao outro, aos outros diferentes; ela se enriquece do questionamento mútuo, da partilha de experiências.

Nossos diferentes dons nos levam a uma mutualidade e desenvolvem um estilo de relação com os outros, sem buscar impor-se ou esquivar-se. Por um lado, somos convidadas a nos perguntar o que pode faltar na minha Irmã e, ver como ajudá-la ou apoiá-la, e por outro lado, a reconhecer as faltas pessoais e a se dispor a acolher a ajuda dos outros.

Um tal amor na reciprocidade, vivido em Comunidade é o sinal de que somos chamadas por Cristo; ele cura todo individualismo e se torna a “boa nova” para o mundo: “*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*” (Jo 13, 35).

Quando vivemos entre nós relações de comunhão, de dom e de acolhimento mútuos, respeitando e amando a diferença, nossa vida testemunha o Deus Trindade.

4- “*Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós*” (Col 3,12-15)

Pedro pergunta a Jesus: “*Quantas vezes devo perdoar a meu irmão? Jesus respondeu-lhe: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete*” (Mt 18,22). Em algumas situações comunitárias, esta é a escolha mais difícil de ser vivida. Perdoar sem condição, sem restrição, mesmo se julgamos e pensamos que a outra Irmã está enganada, mesmo se estamos feridos por um comportamento, uma palavra.

No entanto, eu também machuco as Irmãs e posso excluí-las de minha relação. Eu também preciso ser perdoada e ser acolhida por tal ou tal Irmã, da mesma maneira que tal ou tal Irmã precisa ser perdoada e acolhida por mim.

Não existe verdadeira fraternidade sem perdão dado ou recebido. O perdão permite evitar que nossas tensões e nossas feridas se tornem ambientes favoráveis para nossos ressentimentos e nossa amargura.

Descobrimos nossas dificuldades em viver como Irmãs devido ao nosso pecado e ao do outro. Então, como avançar no caminho do perdão, da reconciliação?

A Virgem Maria tem um papel fundamental na experiência de Comunidade dos discípulos de Jesus. Quando Jesus está na cruz, traído e abandonado pelos que tinha escolhido, Jesus entrega Maria como Mãe ao discípulo, como sua Mãe. Ele confia a Maria a missão de acolher seus discípulos como filhos e ensinar-lhes a construir uma nova fraternidade baseada nas relações de acolhimento mútuo e de perdão. Apesar do seu coração traspasado, Maria transmite aos discípulos, pobres pecadores, tudo o que ela recebeu aos pés da Cruz. Seu olhar materno sobre cada discípulo ajudou-os a ter um novo olhar uns para com os outros, a se acolherem mutuamente como irmãos. Seu coração benevolente e misericordioso, consola-os, reconforta-os, encoraja-os a abrir o coração para receber o Espírito Santo e a voltar-se com confiança e audácia para o futuro. Maria vela para que eles permaneçam unidos; sua presença humilde, simples e fraterna é para cada um fermento de reconciliação e de comunhão.

Da mesma maneira acontece conosco: a Virgem Maria é incansavelmente ativa em nossa vida. Ela conhece nossas dificuldades em viver como Irmãs, ela nos ensina a amar-nos como filhas de um mesmo Pai e de uma mesma Mãe, mas precisamos ser curadas, salvas. Voltemo-nos regularmente para Maria nossa Mãe e imploremos incansavelmente o seu socorro; peçamos-lhe que nos ajude a perdoar, a acolher o perdão de nossas Irmãs para criar verdadeiras relações fraternas. Assim, nossa vida Comunitária testemunhará Jesus Cristo, nosso Deus Redentor.

5- “Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14)

Em qualquer Comunidade de Filhas da Caridade, a atitude fundamental de nossas relações fraternas é a de serva, à imagem de Jesus Servo: de joelhos diante de nossas Irmãs.

Quando as múltiplas considerações nos poderiam fazer acreditar que somos melhores que nossas Irmãs, olhemos Jesus Servo. Contemplemos a atitude que Jesus escolheu para manifestar sua grandeza, seu poder, sua divindade. Ele assume o último lugar, o lugar do servo, e expressa os mesmos gestos para todos, pois cada pessoa é única aos seus olhos.

Esta atitude de Jesus Servo que os Fundadores nos convidam a imitar (cf. C. 16b) testemunha que uma pessoa realizada não é autossuficiente, pelo contrário, ela recebe de Deus e dos outros, coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço dos outros, começando pelas Irmãs (C. 32b).

Neste processo, façamos o nosso apelo à Virgem Maria. Ela é uma criatura como nós, porém, é mulher mais humana, porque é a humilde serva do Senhor. Ela que é nossa Mãe, ela nos educa a viver como filhos de Deus, ela nos ensina as atitudes profundamente necessárias para permitir que os outros existam e cresçam em humanidade de acordo com o projeto de Deus.

Em nossa vida comunitária, quando desejos de sedução, de poder e de dominação estiverem presentes em nós, contemplemos a Virgem Maria e imploremos-lhe que nos ajude a escolher livremente a atitude de serva para testemunhar nossa identidade e a de nosso Deus: o Cristo Servo.

Ao viver estas convicções com humildade e simplicidade, permitimos que nossas comunidades sejam ícones da Trindade. Sim, é possível viver relações fraternas entre Irmãs de gerações e de culturas diferentes, graças a um enraizamento em Deus e a um combate espiritual incansável.

OS MEIOS QUE ESTRUTURAM NOSSA VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE

O chamado que Deus fez a cada uma é fundamental para viver juntas em Comunidade. No entanto, apesar disto, a lei do mais forte, daquela que se expressa melhor, ou fala mais alto, daquela que faz resistência ou chantagem pode-se impor a um grupo. Também, enquanto estas convicções não estiverem associadas aos meios concretos para colocá-las em prática, elas não serão suficientes para normalizar as relações numa vida comunitária. Destacarei quatro meios, entre outros, para progredir na vida fraterna.

1- O projeto Comunitário

O que é que não permite que as relações sejam regidas pela Lei do mais forte? É o projeto comunitário. É uma adaptação concreta das Constituições à situação particular da nossa Comunidade. O projeto é elaborado em conjunto e aceito por todas as Irmãs. É uma organização concreta na qual cada uma é a parte interessada e responsável de sua aplicação na vida quotidiana.

O projeto comunitário é a “regra do jogo” de nossa vida juntas na Comunidade particular a que pertencemos:

- A missão confiada pela Companhia é a nossa razão de estar neste lugar específico. Como nós a vivemos? Com quem vivemos? Colaboramos umas com as outras ou com os outros?
- A vida espiritual: quais são os tempos de oração? Em quais lugares?
- As partilhas comunitárias: quais? Em quais horários? etc.
- A vida comunitária prática:
 - * a partilha de tarefas;
 - * a administração concreta do tempo, do lugar e dos meios comuns: desde o banheiro, passando pela Televisão, o computador..
- Os horários de nossa vida comum diária.
- Os tempos de lazer comunitário, etc.

No meio de todas as nossas emoções, sentimentos mistos de prazer e de constrangimento, de satisfação e de irritação, é importante que nos concentremos nas “regras do jogo” do nosso viver juntas, decidido juntas.

O projeto comunitário pode parecer reduzir a vida relacional a uma organização. Na verdade, ele permite gerar as relações e é um meio humilde, entre outros, para viver a caridade.

1- A Comunicação com a Irmã Servente

As relações de um viver juntas normalizado por um projeto comunitário não são suficientes para responder a um chamado de Deus na Companhia das Filhas da Caridade. Pois, Deus me convida a crescer na vocação até o fim da minha vida; Ele me convida a me configurar sempre mais a Jesus Cristo de acordo com a experiência espiritual de São Vicente e de Santa Luísa.

A identidade da Filha da Caridade, o ser profundo de serva humilde, simples e caridosa se constrói progressivamente em mim. Ela se afirma graças a uma relação profunda com o Senhor, particularmente pela escuta de sua Palavra, pela escuta dos pobres e das Irmãs. Trata-se de responder hoje, na etapa da vida em que estou, o chamado do Senhor para ser uma verdadeira Filha da Caridade.

Neste processo, a comunicação com a Irmã Servente assume seu lugar e o seu sentido. Pela fé, eu acolho minha Irmã Servente como a Irmã que o Senhor escolheu para me orientar, apoiar, encorajar no caminho de minha vocação. Quer ela me agrade ou não, o Senhor a colocou em meu caminho para que eu partilhe com ela o que vivo no cotidiano. Diante de Deus, ela é responsável, não somente por me ajudar pessoalmente a crescer em minha vocação, mas também para ajudar as outras Irmãs a fazer o mesmo.

3- Conversão ao Evangelho

A vida fraterna exige uma conversão permanente ao Evangelho. Quando falamos de ‘conversão’, pensamos muitas vezes em uma conversão moral, a corrigir nosso caráter e algumas tendências, mas a conversão evangélica não é primeiramente uma conversão moral.

A conversão evangélica nos dispõe a viver na fé, a colocar o que vivemos sob o olhar do Evangelho, e permitir que o Espírito Santo crie em nós a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração (cf. C.18), para que nossos pensamentos, nossas escolhas, nosso agir, nossas relações manifestem que Cristo é a nossa Regra de vida (C.8).

A comunidade fraterna nos é dada para que com “*simplicidade e humildade* possamos nos entreatuar *a caminhar juntas para o Senhor*” (cf. C.32b). É caminhar juntas para viver no espírito de fé, para viver tudo e tudo ‘ler’ a partir do Cristo Ressuscitado presente e ativo em nossa vida, com sua graça que está sempre trabalhando para nos santificar e nos salvar. Nossa missão começa aqui: deixarmo-nos atravessar pela Boa-Nova do Evangelho (C. 10).

Quem quer que sejamos, nunca terminamos de nos converter ao Evangelho, de nos converter à maneira de amar de Jesus. Trata-se, portanto, de progredir juntas na maneira de seguir o Cristo, apropriando-nos de sua maneira de pensar, de ver e de agir.

4- As releituras apostólicas

As Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão (C. 32). O que está no centro deste esforço missionário é a experiência de Deus a ser partilhada, a Boa-Nova a ser anunciada. Esta Boa-Nova que atravessa nossa existência e a vida fraterna em comum, É também uma Boa-Nova a receber, particularmente de nossos irmãos e irmãs, os pobres. As releituras apostólicas nos permitem nos reunir para a escuta do Cristo que age no coração e na vida dos nossos irmãos e irmãs que sofrem, os quais encontramos e servimos. Nesta escuta de fé, nossos corações se unem para reconhecer em suas vidas o rosto de Jesus, para nos maravilharmos de sua ação e dar-lhe graças.

Seja qual for a nossa idade ou o tempo de vocação, permaneceremos até o fim de nossa vida, discípulos de Jesus na Companhia das Filhas da Caridade. Nunca deixaremos de aprender, de compreender e de experimentar o que significa testemunhar a Caridade de Jesus Cristo. Junto aos pobres e de nossas Irmãs, aprendemos a nos tornar verdadeiras servas no seguimento de Jesus Cristo Servo.

CONCLUSÃO

A vida fraterna em Comunidade não é simplesmente uma maneira de viver juntas com seus costumes, seus valores, sua cultura, suas escolhas, suas mentalidades... mas, um modo de vida onde tudo está sob à luz do Evangelho (costumes, valores, cultura, escolhas econômicas, organização, etc). Em outras palavras, não se trata de impor sua cultura, trata-se de juntas, permitir um questionamento em todas as áreas de nossa existência de acordo com nossas Constituições. A vida fraterna em comunidade é, antes de tudo, para cada Irmã, um caminho de conversão ao Evangelho, é deste lugar comunitário que a Boa-Nova do Ressuscitado pode se tornar credível para o nosso mundo, para aqueles que nos rodeiam: *“Se tiverdes amor uns para com os outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos”* disse Jesus (Jo, 13, 35). É realmente sob esta condição que nos tornaremos “discípulos missionários” como nos recomenda o Papa Francisco em sua Exortação Apostólica: *‘A alegria do Evangelho’*.

Da qualidade de nossa vida fraterna em Comunidade pode nascer uma alegria profunda, respeitosa dos outros e um amparo para nossa vocação.

Para concluir, permitam-me citar o nº 28 do documento *“A vida fraterna em Comunidade”* da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, de fevereiro de 1994 - e que é sempre atual.

“Não se pode esquecer, enfim, que a paz e o gosto de estar juntos são um dos sinais do Reino de Deus. A alegria de viver, mesmo em meio às dificuldades do caminho humano e espiritual e aos aborrecimentos cotidianos, já faz parte do Reino. Essa alegria é fruto do Espírito e envolve a simplicidade da existência e o tecido monótono do cotidiano. Uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga. Muito rapidamente os membros serão tentados a procurar em outros lugares o que não podem encontrar em casa. Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitar-se empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito (...)

Esse testemunho de alegria constitui uma grandíssima atração para a vida religiosa, uma fonte de novas vocações e um sustentáculo para a perseverança. É muito importante cultivar essa alegria na comunidade religiosa: a sobrecarga de trabalho pode apagá-la, o zelo excessivo por algumas causas pode fazê-la cair no esquecimento, o contínuo interrogar-se sobre a própria identidade e sobre o próprio futuro pode ofuscá-la. (...)

A alegria é um esplêndido testemunho do caráter evangélico de uma comunidade religiosa, ponto de chegada de um caminho não isento de tribulação, mas possível, porque sustentado pela oração: ‘Alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração’ (Rm 12, 12)”.

Irmã Elise BORTHEIRIE
Filha da Caridade

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

Índice geral das matérias 2015

ASSEMBLEIA GERAL 2015

- Introdução maio-junho 130

Abertura da Assembleia

- Alocução de abertura da Assembleia geral 2015

Padre Gregory Gay, Superior geral.....	maio-junho	132
• A Companhia hoje		
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral	maio-junho	139

Eleições

• Eleição da Superiora geral, 25 de maio de 2015.....	maio-junho	158
• Eleição da Superiora geral:		
Homilia do Padre G. Gay, Superior geral	maio-junho	160
• Eleição das Conselheira gerais e da Assistente geral.....	maio-junho	164

Em comunhão com a Igreja

• Mensagem do Santo Padre à Irmã Kathleen Appler, Superiora geral do Vaticano, 25 de maio de 2015	maio-junho	165
• Visita de Dom Luigi Ventura, Nuncio Apostólico na França		
Homilia da Eucaristia de 27 de maio de 2015.....	maio-junho	167
• Visita do Cardeal André Vingt Trois, Arcebispo de Paris		
Homilia da Eucaristia de 6 de junho de 2015	maio-junho	174

Conferencistas

• A Comunidade de fé, lugar da audácia da caridade e força evangelizadora		
Irmão Aloís de Taizé		
Casa Mãe, no dia 19 de maio de 2015.....	maio-junho	177
• O compromisso das Filhas da Caridade na Igreja e no mundo		
Padre Célestino Fernandez, cm		
Casa Mãe, 21 de maio de 2015.....	maio-junho	192
• A audácia da caridade para um novo elã missionário		
Sua Ex ^a Cardeal Robert Sarah, Prefeito da Congregação para o		
Culto Divino e a disciplina dos Sacramentos		
Casa Mãe, 22 de maio de 2015	julho-agosto	227
• Enraizadas no Cristo, produzimos frutos para a missão		
Irmã Mary Sujita Kallupurakkathu, SND		
Casa Mãe, 20 de maio de 2015.....	julho-agosto	249

Partilha de experiências missionárias

As periferias

• Ao encontro dos nossos irmãos, migrantes		
Província de Nápoles	julho-agosto	264
• A serviço das populações tribais		
Província da Índia do Norte	julho-agosto	269
• “Socorro sobre rodas” aos desabrigados		
Província de Cracóvia	julho-agosto	274
• “Lá fora”, um apoio às famílias dos prisioneiros		
Província da Grã-Bretanha.....	julho-agosto	279
• A serviço das crianças e dos jovens em situação de risco social		
Província de Santa Luísa - EUA.....	julho-agosto	284
• “Sair do ninho” na terra da Amazônia		
Províncias de Curitiba, de Fortaleza e do Rio de Janeiro.....	set - outubro	290

As escravidões modernas

• Além das fronteiras, o tráfico de mulheres e de crianças		
Província das Filipinas	set - outubro	293
• O “país dos “desaparecidos”		
Província do México	set - outubro	299
• Vítima da escravidão moderna: Beauty, Doris, Glory e outros		

Província da Nigéria	set - outubro	303
----------------------------	---------------	-----

As redes de colaboração

• Uma mesma visão de amor e de serviço de Cristo nos Pobres: “ <i>Projeto Dream</i> ” Província do Congo	set - outubro	308
• Juntos a serviço das pessoas com deficiências “ <i>Projeto uma abordagem de duas vias do desenvolvimento comunitário</i> ” Província de Tailândia.....	set - outubro	313
• Criar vínculos com as pessoas moradoras de rua: “ <i>Projeto Rosalie Rendu</i> ” Província de Barcelona.....	set - outubro	319

Partilha com a Família Vicentina

• A AIC hoje Laurence de la Brosse, Coordenadora da AIC para a Europa e o Oriente Médio	set - outubro	323
--	---------------	-----

Encerramento da Assembleia

• Alocução da Irmã Kathleen Appler, Superiora geral Casa Mãe, no dia 12 de junho de 2015.....	maio-junho	206
• Eucaristia de Encerramento Homilia do Padre Gregory Gay, Superior geral Casa Mãe, 12 de junho de 2015	maio-junho	213

VIDA ESPIRITUAL

SUPERIORES GERAIS

Padre Gregory GAY

Cartas

• Quaresma 2015 “Caminhando na via da reconciliação, da paz e da humildade”	jan-fevereiro	32
• Alocução de abertura da Assembleia geral 2015.....	maio-junho	132
• Eleição da Superiora geral : Homilia de Segunda-feira de Pentecostes, 25 de maio de 2015... maio-junho		160
• Eucaristia de encerramento da Assembleia geral: Homilia de 12 de junho de 2015	maio-junho	213
• Advento 2015: um caminho que nos torna mediadores eficazes das promessas de Deus	nov - dezembro	369
• Os votos das Filhas da Caridade.....	nov - dezembro	378

Mère Evelyne FRANC

Cartas

• Carta de 1º de janeiro de 2015.....	jan-fevereiro	2
• Carta de 2 de fevereiro de 2015.....	jan-fevereiro	19
• A Companhia hoje - Assembleia geral 2015.....	maio-junho	139

Mère Kathleen APPLER

Cartas

• Alocução de Encerramento da Assembleia geral 2015.....	maio-junho	206
• Carta de 1º de julho de 2015	julho-agosto	218
• Carta de 15 de agosto de 2015.....	julho-agosto	223
• Carta de 27 de novembro de 2015.....	nov - dezembro	365

Padre Bernard SCHOEPFER

Conferências

• Retiro de fim de ano de 2014 “Querida dizer-vos uma palavra, e a palavra é alegria!”	jan-fevereiro	5
• Preces e agradecimentos	jan-fevereiro	17
• Conferência de retiro para a Renovação dos Votos “Santifica-os pela verdade. A tua palavra é a verdade” (Jo 17, 17)...	março-abril	66
• O chamado à santidade.....	set - outubro	335
• “Meu Deus, como sois grande”.....	nov - dezembro	382

Outras conferências

• ONU - conferência internacional “Centelhas de esperança e chamados à ação” Irmã Catherine Prendergast, Filha da Caridade.....	jan - fevereiro	38
• ONU “O Direito das Crianças” Irmã Monique Javouhey, Filha da Caridade.....	jan - fevereiro	42
• Preparando-nos para viver o “Ano Santo da Misericórdia” de 8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016 “Com Maria, Mãe da Misericórdia” Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade	março-abril	78
• A audácia da caridade para um novo elã missionário Na escola da Virgem Maria Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade.....	set - outubro	343
• Sessão Internacional de Irmãs com mais de 40 anos de vocação “Viver tempos de mudanças com São Vicente de Paulo” Padre Frédéric Pellefigue	jan - fevereiro	46
• Sessão Internacional de Irmãs entre 7 a 10 anos de vocação Origens da Companhia e volta às fontes Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade.....	março-abril	115
• Sessão Internacional de Irmãs entre 7 a 10 anos de vocação Intergeração e vida fraterna em Comunidade I - Geração e intergeração, uma realidade que nos constitui como seres humanos Irmã Elise Bortheirie, Filha da Caridade.....	nov - dezembro	395
II - Fundamentos da vida relacional em Comunidade Irmã Elise Bortheirie, Filha da Caridade.....	nov - dezembro	407

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E NOMEAÇÃO DOS DIRETORES

Visitadoras

• Moçambique	março-abril	104	
• Grã-Bretanha	março-abril	104	
• Região da Albânia.....	março-abril	104	
• Congo	março-abril	104	
• Eslovênia	março-abril	104	
• Próximo-Oriente	março-abril	104	
• Los Altos Hills	março-abril	104	
• Chelmino Poznan.....	março-abril	105	
• Equador	março-abril	105	
• Nápoles.....	março-abril	105	
• Índia do Sul.....	março-abril	105	
• Índia do Norte	março-abril	105	
• Indonésia.....		março-abril	105
• Fortaleza		março-abril	105
• Austrália	março-abril	105	
• Peru	março-abril	105	
• Pamplona	março-abril	105	
• México	março-abril	105	

- Grã-Bretanha nov - dezembro 393
- Bélgica-França-Suíça nov - dezembro 393

Diretores

- Próximo Oriente março-abril 106
- Indonésia março-abril 106
- Congo março-abril 106
- Madagascar nov - dezembro 393
- China nov - dezembro 393
- Gijon nov - dezembro 393
- Colônia – Países Baixos..... nov - dezembro 394
- Los Altos Hills. nov - dezembro 394
- Índia do Norte..... nov - dezembro 394
- Eritreia nov - dezembro 394
- Eslovênia nov - dezembro 394
- Eslováquia nov - dezembro 394
- Bélgica - França-Suíça nov - dezembro 394
- Espanã-Sur..... nov - dezembro 394

VIDA DAS PROVÍNCIAS

AFRICA

Camarões

- Renomeação do Diretor Provincial nov - dezembro 394

Congo

- Designação da Visitadora março-abril 104
- Nomeação do Diretor Provincial..... março-abril 106
- *Partilha de experiência: rede de colaboração (A.G.)*
Uma mesma visão de amor e de serviço de Cristo nos
Pobres: Projeto Dream set - outubro 308

Eritreia

- Nomeação do Diretor Provincial nov - dezembro 394

Madagascar

- Nomeação do Diretor Provincial nov - dezembro 393

Moçambique

- Renomeação da Visitadora março-abril 104

Nigéria

- *Partilha de experiências: a escravidão moderna (A.G.)*
Vítima da escravidão moderna: Beauty, Doris, Glory e
outros set - outubro 303

AMÉRICA DO NORTE

Los Altos Hill

- Renomeação da Visitadora março-abril 104
- Nomeação do Diretor provincial nov - dezembro 394

Santa Luísa - EUA

- *Partilha de experiências missionárias nas periferias (A.G.)*
A serviço das crianças e dos jovens em situação de risco social.....julho-agosto 284

AMÉRICA LATINA

Brasil

Amazônia

- Testemunho: “Ser presença de Deus no mundo”

Irmã Maria Enide Michiles, Filha da Caridade.....	março-abril	112
Curitiba, Fortaleza e Rio de Janeiro		
• <i>Partilha de experiências missionárias nas periferias</i> (A.G.) “Sair do ninho” na terra da Amazônia	set.outubro	290
Fortaleza		
• Renomeação da Visitadora	março-abril	105
Equador		
• Designação da Visitadora	março-abril	105
México		
• <i>Partilha de experiências: a escravidão moderna</i> (A.G.) O “país dos desaparecidos”	set - outubro	299
• Designação da Visitadora	março-abril	105
Peru		
• Designação da Visitadora	março-abril	105
ÁSIA		
Província Chinesa		
• Renomeação do Diretor provincial.....	nov - dezembro	393
Índia do Norte		
• Designação da Visitadora	março-abril	105
• <i>Partilha de experiências missionárias nas periferias</i> (A.G.) Serviço às populações tribais	julho-agosto	269
• Nomeação do Diretor provincial.....	nov - dezembro	394
Índia do Sul		
• Designação da Visitadora	março-abril	105
Indonésia		
• Designação da Visitadora	março-abril	105
• Nomeação do Diretor provincial.....	março-abril	106
Filipinas		
• A serviço da Comunidade pastoral de Bongoo, na ilha de Tawi-Tawi Irmã Clara E. Mesada, Filha da Caridade.....	março-abril	110
• <i>Partilha de experiências: a escravidão moderna</i> (A.G.) Além das fronteiras, o tráfico de mulheres e crianças	set - outubro	293
Tailândia		
• <i>Partilha de experiência: redes de colaboração</i> (A.G.) Juntos a serviço da dignidade das pessoas com deficiência Projeto uma abordagem de duas vias do desenvolvimento comunitário.....	set - outubro	313
Próximo-Oriente		
• Renomeação da Visitadora	março-abril	104
• Nomeação do Diretor provincial.....	março-abril	106
EUROPA		
Bélgica-França-Suíça		
• Designação da Visitadora	nov - dezembro	393
• Nomeação do Diretor provincial	nov - dezembro	394
Colônia- Países Baixos		
• Nomeação do Vice-Diretor Provincial	nov - dezembro	394

Espanha

Barcelona

- *Partilha de experiência: rede de colaboração (A.G.)*
Criar vínculos com as pessoas moradoras de rua
Projeto Rosalie Rendu set - outubro 319

Gijon

- Renomeação do Diretor provincial..... nov - dezembro 393

Pamplona

- Designação da Visitadora março-abril 105

Grã-Bretanha

- Renomeação da Visitadora março-abril 104
- *Partilha de experiências missionárias nas periferias (A.G.)*
“Lá fora”, apoio às famílias dos prisioneiros..... julho-agosto 279
- Designação da Visitadora nov - dezembro 393

Itália

Nápoles

- Renomeação da Visitadora março-abril 105
- *Partilha de experiências missionárias nas periferias (A.G.)*
Ao encontro dos nossos irmãos migrantes..... julho-agosto 264

Polônia

Chelmno-Poznan

- Designação da Visitadora março-abril 105

Cracóvia

- *Partilha de experiência missionárias nas periferias (A.G.)*
“Socorro sobre rodas” aos desabrigados..... julho-agosto 274

Eslováquia

- “*Se tivesses a fé...seriam capazes de remover montanhas*”
Irmã Alzbeta Kisidayova, Filha da Caridade..... março-abril 107
- Nomeação do Diretor provincial nov - dezembro 394

Eslovênia

- Renomeação da Visitadora março-abril 104
- Nomeação do Diretor Provincial..... nov - dezembro 394

Região da Albânia

- Designação da Regional março-abril 104

OCEÂNIA

Austrália

- Designação da Visitadora março-abril 105

HISTÓRIA DA COMPANHIA

- Origens da Companhia e volta às fontes
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade..... março-abril 115